

This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

# Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + Refrain from automated querying Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

## **About Google Book Search**

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at http://books.google.com/



Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

### Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

# Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.

  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.
- Evite consultas automatizadas.

Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

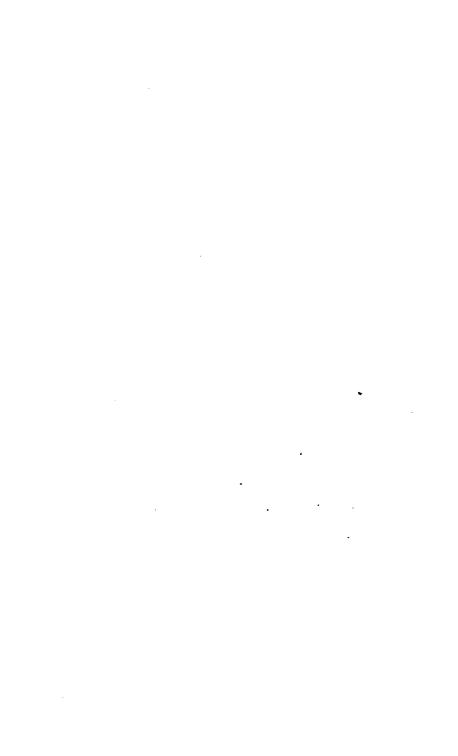
- Mantenha a atribuição.
  - A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.
- Mantenha os padrões legais.
  - Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

# Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em http://books.google.com/



# University of the Michigan Libraries





# AS SOMBRAS



# Teixeira de Pascoaes

# As Sombras



# HOMENAGEM DOS EDITORES

# LIVRARIA FERREIRA

132, Rua do Ouro, 138 — Lisbea

# Composto e Impresso na Typographia de Annuario Commercial

Praça dos Restauradores, 27

1907



# De «As minhas sombras»

(Do «Sempre»)

O' sombras que durante
A noite me falaes,
Quando penso, e año sei
Porque a este mundo vim l
O' vos que a minha noite
Immensa povoaes,
Qual o corpo que vos
Projecta ao pé de mim?

Quem sois vós, quem sois vós, Vagas sombras perdidas Que me livraes do sol, Do meu grande inimigo? Quem sois vós, quem sois vós, Phantasmas d'outras vidas Que me falaes, se eu ando A' noite, só commigo?

Sereis da minha dôr Um pallido luar, Um reflexo do que arde Em mim, sem eu saber?

••••••

Sois o inflaito amor,
O pure elhar de Deus,
O' sombras que durante
A noite me appareceis !
Vós sois a Luz que existo
Além da luz dos céos,
E d'onde todas vós,
Estrellas, descendeis...

Coimbra - 1898.

8**69.8** V335 sn

# A uma arvore e a minha irmã Maria .

Recebe em tuas folhas, árvor triste, Este livro de nevoa...

Ei-lo que sobe, N'um fumo vago e pallido, onde existe O segredo da Luz e da Penumbra.

Ei-lo que sobe em érmos nevoeiros, D'este meu coração, profunde rio Que deslisa, somnambulo, entre outeiros De materia que soffre e sonha e reza... E se derrama, em fórmas espectraes, Aéreas e ondulantes, nos teus ramos Que se molham de dór e abrazam d'ais E de longe, parecem d'agoa e fogo.

E de gottas accesas ficarás Toda estrellada ao sol; e cada gotta Contar-te-ha baixinho, em doce paz,
A sua origem limpida de nuvem,
O seu principio animico de sombra;
E o momento em que um sôpro, um ar de magoa.
Mal a beijou, logo a encarnou, tornando-a
De expirito de nevoa em corpo d'agoa.

E tu, que és um desejo com raizes, Um sonho em flor da terra com folhagens, Ouvirás o que diz a estrella clara No silencio falente das Paizagens. E, n'um intimo encanto, has de sonhar, Sentindo-te abrazada n'esse fogo Que arde no orvalho, e o queima e faz voar Em branca cinza que acinzenta os ares.

O' arvor, lé meu livro quando a noite, Com seus dedos de sombra, vem abrir Os teus olhos longinquos embebidos Na luz que, dentro em ti, se vé luzir; Invisivel espirito velado, Intimo resplendor que tudo anima, E que nos deixa o céo todo estrellado E nosso olhar nevoento todo em lagrimas.

E verás que este livro é bem distante Do coração dos homens, e bem perto De tua negra sombra irradiante; Mansa, inerte penumbra vegetal, Descendente da sombra dos rochedos E mãe da sombre va que projectamos; E onde estás mais presente e clara eviva Do que em teu rude tronco e brandos ramos.

E verás que este livro é teu irmão
E da terra onde sugas fortaleza
E da nevoa onde mamas a verdura,
A indecisão e a pallida tristeza;
E do grande silencio que em teus labios,
E' uma nuvem de vozes e harmonia
E rumores confusos, — e da noite
Que em teus olhos de bruma, é luz do dia!

E tu és para uma árvor, minha irmã,
O que ella é para a terra...
És primitivo,
Rugoso, duro tronco que a ternura
Mudou em corpo esbelto e brando e vivo.

Em ti, são louras tranças verdes ramos; E o que é na árvor neblina do sol-pôr E murmurio do vento e doce orvalho, Em ti, é sonho e lagrimas e dôr.

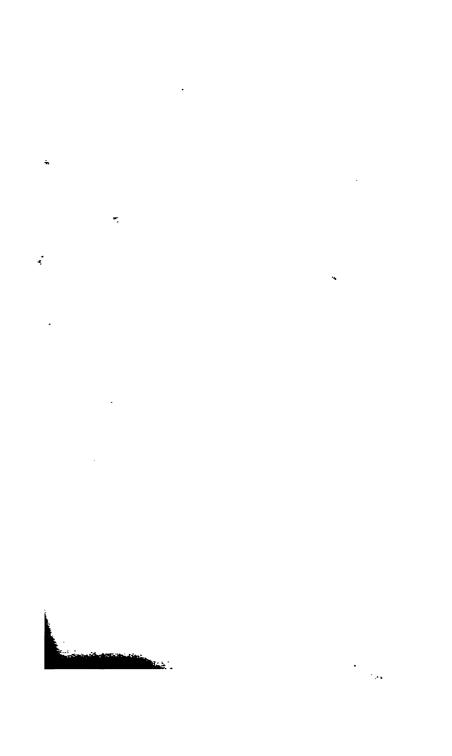
E vê-se bem que a verde cor das folhas, Na cor dos olhos teus, se sublimou; Fez-se a mais bella e lucida esperança Que á negra flor d'uns olhos aflorou. E o que n'um ramo é trémula avesinha, Em teus labios é riso, tão disperso L tão tenue, que apenas se adivinha Essa sombra que • Riso em nós projecta.

E o gesto das ramagens que se elevam, N'uma oração, à viva luz sensivel, Em ti, é poetica emoção divina Ante o Incorporeo, o Espirito, o Invisivel.

És o sonho infinito, a voz, o vôo,
Das arvores: o mundo que além d'ellas
Existe, como Deus além de ti;
È como além do mundo e das estrellas,
Dos cometas e vagas nebulosas
(Luz somnambula, esparsa; luz dormente)
A Sombra originaria, concentrando
E irradiando a Vida eternamente!

E por isso, recebe estes meus versos Nocturnos porque, ás vezes, n'elles passa A sombra eterna e universal de Deus.

Que tua luz d'irmă e tua graça Os toquem, de maneira que elles sejam Nevoa d'ante-manhă molhada em oiro! E que as almas que sonham e lampejam No corpo escuro e vivo d'este livro, Projectem sobre mim a sua noite E sobre ti projectem sua luz: Noite que é sangue e corpo do Deus Pan,' Dia que é a dôr sagrada de Jesus.



# Vento do Espirito

Senti passar um vento mysterioso, N'um torvelinho cosmico e profundo. E me levou nos braços; e ancioso Eu fui; e vi o Espirito do Mundo.

Todas as cousas érmas que envolviam O meu rosto n'um triste olhar nascente, N'uma lagrima ainda, não sentiam Aquelle vento forte que sómente

Meu coração crispava! O' vento ethereo, Vento de Exaltação e Prophecia! Vento que sopra em ondas de mysterio E que só meu espirito arripia!

Vento estranho que passa, sem tocar Na mais tenrinha flór, e assim agita Meu coração, em chammas, a exhalar Luz de Deus, luz d'amor, luz infinita! Vento que só encontras resistencia No que é sombra invisivel; um rochedo, Uma árvor para ti são vaga essencia E eu é que sou, mysterio! um arvoredo!

E d'encontro à minh'alma, grande vento, Bates com força; e um borborinho forte A envolve e arrasta e leva, n'um momento: E vae de vida em vida e morte em morte.

Vento que me levou nem sei por onde; Mas sei que fui; e ao pé de mim, bem perto, Vi, face a face, a nevoa a arder que esconde Deus, sobre a areia ardente do deserto!

E tambem vi a luz indefinida Que em meu peito se fez, enaltecendo Meu coração que vôa além da vida, O seu peso de lagrimas perdendo.

E aquelle grande vento perturbou Minha vida serena; e dór antiga Meu corpo rude e fragil trespassou, Como a chuva uns andrajos de mendiga.

E fui n'um grande vento; e fui; e vi: Vi a Sombra da Vida. E alvoroçado, Deitei-me áquella sombra, e em mim senti A terra em flór e o céo todo estrellado.

ų,

E vi a Luz e a Noite; a Paz e a Guerra. E vi dar flór e fructo a negra cruz. Vi a terra no céo e o céo na terra E o olhar de Pan nos olhos de Jesus.

E vi Jesus e Pan. E no horizonte, O Calvario e o Parnaso: a vida e a dór. E todo em sangue, vi aquelle monte E aquella verde serra toda em flór.

E os rios da Tristeza e da Alegria, Ao pé de mim, sonhavam... e um disperso, Vago nevoeiro astral d'elles subia: E fui; e vi o Espectro do Universo.

. . .



# A Sombra do Passado

Horas em que o Passado, o Érmo, o Solitario, Visita a nossa alma em noite derradeira... Como um phantasma, vem mais triste que um sudario, E como Hamlet, traz nas mãos uma caveira.

(Do Sempre.)

Eis-me, graças à Vida, uma vez mais No valle onde nasci, entre estas arvores, Minhas puras irmãs espirituaes Pela sombra que dão...

Arvores tristes
Que de ternura e sonho o luar veste...
Arvores brancas, ao luar, todas molhadas
De escura dór terrena e amor celeste,
Quantas vezes, á noite, as surprehendo
De joelhos, rezando aos passarinhos
Que vóam além d'ellas e que são
Aladas divindades que as florestas
Vêm atravez de pallida emoção...

E vossa verde folha que no outomno, Perde a côr, mais o sangue e desfallece, Como se fôsse luz e o frio inverno Bruma que a suffocasse e amortecesse... Vossas folhagens verdes, ao luar, Na inquietude da dôr religiosa, Produzem um rumor, um marulhar De fonte clara e virgem quando reza N'um extase de nevoa...

O' creaturas,
Que á negra e funda terra estaes pregadas
Como a dór ao meu corpo e a luz á treva
E aos meus olhos as lagrimas salgadas,
Quanto me custa vér-vos prisioneiras,
A vós que tendes folhas que assemelham
Azas no céo confuso das poeiras
Que se erguem ante o espirito do Vento!

Ai, das arvores tristes! Que piedade Tenho de vós, ó arvores! se sois feitas Da minha escura e vá fragilidade, Do mesmo barro túmido de lagrimas, Da mesma dór, miseria e negra morte; Do mesmo pó e cinza que eu derramo E que, um dia, uma estrella ao apagar-se, Por acaso, deixou...

Como eu vos amo, Minhas irmãs em Deus! se vos consomem As dôres mais crueis e mais profundas, E é certo que soffreis mais do que um homem!

E como Christo e a Virgem Dolorosa, Soffreu a cruz, sentindo em si pregado Aquelle Corpo enorme e redemptor, Sem que ella, a pobre cruz, tivesse culpa!



E que esfórço faria (ó negra dór!)
Para fugir áquelle abraço horrendo,
A'quelle corpo em chagas que a abraçava
Quasi desfeito em lagrimas e sangue,
Sangue de vida e dór que libertava!

Que esfórço ella faria! mas debalde! Cada vez mais os pregos se entranharam Em seus lucidos membros vegetaes. E d'esta fórma horrive! se ajuntaram A seiva vegeta! e o sangue humano... E aquelles sangue e seiva desde então, O nosso corpo mystico florescem.

Que esfórço ella faria! esfórço vão! Para fugir ao mundo, á vida e assim A'quelle estranho Drama nunca visto, A' negra dór humana que por fim, Em seus braços pendeu a fronte morta.

Com que loucura invocaria o Fogo Que, semelhante ás agoas, tudo alaga E n'um beijo de brazas, crepitante, A grande dôr das arvores apaga!

Ella, a negra e odiada! Ella, a innocente, Que durante bem tempo sustentára, Em seus braços de mãe, piedosamente, Canticos de ave e lagrimas de nuvem! E abria, como as Santas, o avental A trasbordar de fructos e de flóres, Aos tristes pobresinhos d'este val De suspiros, de fomes e de sêdes.

E como Christo no terceiro dia, O' árvor-cruz, revive e dá de novo Riso de flôr e voz de ramaria E sombras ao luar e á luz do sol.

Revive em alegria e dôr e amor! Dá-nos em fructo aquelle Corpo martyr; E em subido perfume e alta flôr, Dá-nos aquelle Espirito perfeito.

Eleva-te da terra até aos céos, N'uma benção de sombra e claridade, Para que a terra, em fructo, alcance Deus E baixe o céo, em flôr, até aos homens!

Sou como vós, ó arvores! E a sonhar, Penetro e desço á Noite, a vêr se encontro Algum veio de luz onde matar Esta sêde infinita que me mata! Tambem vós procuraes com as raizes, Nas entranhas da terra, a agoa virgem...
E tanto se abre a terra aos vossos beijos,
Que ella vos mostra, ó arvores, sua origem;
A antiga sombra mãe que a fecundou
E se infiltra nos caules e ramagens...
E fluidica e triste d'elles cáe,
N'uma chuva espectral, sobre as paizagens.

Ai, tendes fome e sédes! E assim eu Tenho séde de luz!

Vosso perfume. Por mais leve e subtil, inunda o céo: Assim meu coração que se dispersa Em perfume d'amor; assim meus olhos Se dilatam em lagrima aureoral, Em lagrima que invade a Creação, Como o antigo Diluvio universal! De maneira que toda a Natureza Reflecte no Infinito a minha dor, Minha alegria e pallida tristeza. E Deus sabe, portanto, que eu existo; Oue tenho, em meu Parnaso, a minha cruz: Eu — o homem e o poeta; a negra sombra Feita de toda a sombra; a clara luz Feita de toda a luz; — o corpo fragil Onde é lagrima a agoa, o luar saudade E todo o mundo é funebre agonia! — Alma eterna onde são todas as almas Exaltação, Visão e Prophecia!

Eis-me outra vez na terra onde nasci;
Tôsca e sagrada terra primitiva,
Boa terra fecunda, que eu bem sinto
Formar meu corpo, minha carne viva!
Terra que vem cobrir como uma tunica,
Meus ossos que são feitos de saudades...
— E que no campo desabrocha em flôres
E no meu peito em fundas anciedades!

Terra viva e sensivel que á tardinha, Como nós, entristece... e fica a ouvir A voz da escuridão... mas ao tocar-lhe Um soluço de fonte, é lyrio a abrir.

Terra divina que ao beber as lagrimas Das nuvens e sentindo o sol em brasa, E' aza que se eleva e coração Que inda vôa mais alto do que a aza!

O' meu humus genesico e fecundo!
Minha terra d'Origem e Principio!
O' terra ébria de sombra! O' novo mundo,
Onde estranhos relampagos lampejam,
E alvorecem e morrem, n'um instante;
Mas já nos mostram, sim, por entre nuvens,
Um mundo de mysterio, ainda hesitante,
Ainda moldado em fumos e penumbras...
Vaga e fluidica terra assemelhando

;

O marmore invisivel, onde nós, Soffrendo, meditando e trabalhando, Esculpimos tristezas e anciedades...

E vejo minha fonte, tão sequinha, Como uma flor no outomno!

O' vento agreste
Que tua voz mirrou! Que magoa a tua?
Porque foi que secaste e assim perdeste
A alegria da agoa? Porque foi?

E quando o luar romantico, em segredo,
Te apertava nos braços... e fugia,
Do silencio da noite que faz medo,
Para o teu verde coração divino,
Logo em nuvem subias... e eras sonho...
E lagrima depois, e pequenino
Astro, onde o sol immenso se entranhava!

Mas chamava-te Deus! E bem se via Que por um fiosinho d'agoa apenas Estavas presa ao mundo!

O' companhia Sagrada d'uma fonte, quão depressa Te desfizeste, sim! N'um dia triste,
As azas, para sempre, alevantaste!
E nuaca mais te ouvi cantar ao sol,
A'quelle alegre sol que tanto amaste
E se embebia, em chammas, no teu seio!

E nunca mais te ouvi cantar na Treva, Quando o silencio e as sombras mysteriosas E a bruma, (mãe sublime que se eleva, Amamentando os valles e os outeiros) Davam um ar d'espirito profundo A' tua voz que parecia erguer-se Das entranhas da terra ou d'além-mundo!

E tuas agoas pallidas lembravam, No livido silencio do luar, O corpo d'uma Nympha que morrera Como uma freira mystica, a rezar...

Com que ternura a tua voz, á noite, Ao silencio se unia! Nem sequer, De mansinho, o acordava d'aquelle extase, E puro estado d'alma religioso, Somnambolico e vago...

Elle que treme

E desperta e abre os olhos, ancioso,

Ao mais brando murmurio... e que se afoga.

Na onda mais baixinha e transparente

Do mais leve ruido... se te ouvia Cantar, não despertava; e mais dormente, Extatico e profundo se tornava!

E nunca mais te ouvi, querida fonte, Ao quebrar da manhã, quando eram oiro Tuas sagradas agoas, e o horizonte Uma montanha d'oiro, e d'oiro as arvores...

E nunca mais te ouvi, quando a Penumbra, No liquido horizonte da tua bocca Fazia anoitecer aquella voz Das agoas, que os espiritos evoca.

E nunca mais te ouvi! E tenho ainda
A sombra d'essa voz nos meus ouvidos!
E a penumbra d'essa agoa molha ainda
Meus labios, mais translucida e mais fresca
Do que era d'antes, sim, tua agoa pura;
Como se o tempo a nada reduzindo-te,
A cinza e o pó, te désse mais frescura,
Mais alma e corpo e voz e mais poder
De matar minha sêde insaciave!!

Phantasma! O' fonte-espirito, onde vae A minha alma beber para cantar, Sombra que nasce e corpo que se esváe! E bebe! E gosta, sim, de saciar-se N'essa fonte invisivel mais chimerica

٠.

Do que a bruma da tarde a alevantar-se Dos recantos escuros e scismaticos... E, Abria, entontecida de crepusculo E possessa do Espirito Sombrio, Ei-la a cantar a Luz sombriamente, E lembra branca nevoa em negro rio...

E vejo, por encanto, os que eu amei E partiram da vida...

Ei-los que surgem
Da bruma onde, scismando, me afundei...
E falam-me dos longes macerados,
Da cerração da noite, onde se abrumam
Todas as fórmas mortas e desfeitas...
E aonde minhas lagrimas se esfumam
Em tenues, rôxas nuvens de saudade...
E n'uma voz aos ventos tremulando,
Falam-me do Longinquo, onde murmura
A fonte do meu sêr que foi chorando
Até formar a onda que hoje sou.

Ainda te ouço latir, meu pobre Nilo;
A tua voz ainda commove e abala
Todo esse fundo abysmo do Passado!
E, livido perfume que se exhala,
Alĉança meus ouvidos e os inunda
De terra e cinza e poeira de harmonia...
Cinza, poeira fertil e fecunda
Que levanta, ao andar, minha saudade!

Era já noite. E os ventos clamoravam...
E ladravas lá fóra. A qué? Mysterio;
A sombras invisiveis que passavam
E a vozes e ruidos que só tu
Eras capaz de ouvir!

O' cão lunatico!
O' Bruxo que latias ao luar
Que se infiltrava, pallido, em tua alma
E, dentro em ti, se punha a uivar, a uivar!...

E, n'um deslumbramento interior, Tu latias... falavas aos espiritos Que dançavam, na sombra, em derredor De teus olhos abertos com espanto... Espiritos que a Luz envolve em fórmas Terrenas, materiaes; e a noite escura, A noite sybillina, a noite magica Os liberta e descarna e transfigura.

E falavam-te as fontes e as florestas,
Em espirito apenas, vago e ethereo...
E um confuso e phantastico murmurio
Te embriagava de sombra e de mysterio!
E ébrio d'almas, latias... e falavas...
(Erravam no ar Demonios, Borborinhos...)
E latias confusa e vagamente,
Como falam os Bruxos e Adivinhos...
E no silencio abriam teus latidos

٨.

Largas fendas de som que se fechava,m Sepultando murmurios e ruidos E rumores e vozes e sussurros...

Na minha clara edade (acaso d'ella Te lembras?) eras velho... E hoje decerto, Como a Cabra Maltéa, és uma estrella É o gesto de tua cauda é luz astral... E has de ladrar no céo e arremeter, Em impetos de furia heroica e brava, Contra o Dragão que ameaça furibundo, Hercules manejando a enorme Clava! E has de ladrar ao Taurus que, brilhando, Pela campina etherea corre e salta E muge e escarva o chão, alevantando A poeira que fórma a Via-Lactea!

E tu, meu pobre amigo, que as golfadas, Déste teu sangue e suor a nossa quinta, E tão cedo morreste! em magoadas, Cinzentas noites de luar e nevoas, Ha nocturnos viandantes que te vêm Como tu fôste em vida pobresinha... E arripiados d'um panico instinctivo, Ainda te ouvem cavar na nossa vinha! E um borborinho aligero perpassa No céo confuso e pallido, turbando A livida folhagem que esvoaça, Erriçada nos troncos que parecem

Recolher-se de medo, ao seio escuro Das sombras...

(E um terror os ares tolda...)
E as sombras os integram na materia
Onde a Luz, de repente, as funde e molda.

Phantasma feito d'ar! O' fórma aérea!
Como é que esses teus braços de penumbra
Podem suster a enxada que é materia
E fórma e pêso e lagrimas e dôr?
Teus braços de illusão e de apparencia,
Hão de vergar, ceder! Assim outr'ora,
Por pouco, Eneias afundou a barca
Que sulca o rio livido que chora...

Mas estás preso ao mundo! E quem me déra Vér o laço terrivel e fecundo Que prende a Morte á Vida, e occultamente Liga um phantasma á terra d'este mundo E ao vento e á luz crepuscular, dorida... E mais ainda, ainda! á luz da lua, Unica luz que evoca e chama á Vida Todas as sombras pallidas da Noite.

Luar! luar! que lembras o desmaio Da Sybilla que fala vagamente, Comendo terra, a uivar, a estrebuxar, Na exaltação prophetica e vidente! Mysteriosa luz evocadora...

. .

Alva cinza d'espiritos e essencias; Luz de condão que mal as almas toca, Logo as veste de fórmas e apparencias...

O' sol do mundo ignoto dos espectros!
O' verde luz fluidica e marmorea,
Que dás relevo e côr e corpo a tudo
O que é vida invisivel e incorporea!
Luz de sonho e de encanto que enverdece
Toda essa terra espiritual de nuvem,
Que, na absorpção da noite, nos empece,
Embora, dentro em nós, seja criada...

O' mãos da Lua pallida, esboçando N'um lacteo, aéreo gesto que deslumbra, Perfis espirituaes, fórmas de sonho Que perpassam nos longes de penumbra...

O' mãos da Lua que moldaes em sombra Troncos de nevoa e animicos rochedos, Assim como, de dia, as mãos do sol, Moldam em agoa e terra os arvoredos!

Mãos de delirio, d'extase e desmaio!
Mãos d'agoa a evaporar-se, mãos d'espuma,
Esculpindo Creaturas e florestas
Em marmore somnambulo de bruma...
Todo um mundo remoto que aos meus olhos

Surge d'entre os redondos seios nús Da noite maternal, tão caridosa, Que é treva para os astros serem luz!

E no profundo e pallido silencio
Da lua, que me faz entristecer,
Quanto mais eu medito e me concentro
No mais longinquo e escuro do meu sêr,
Mais corpo e vida toma meu espirito
Que nos sitios sombrios e desertos,
Ao meu encontro sáe... E se illumina
Em meus olhos extaticos e abertos...

E vejo minha Avó atarefada Desde o córar do dia; e vejo-a, á noite, Ante uma cruz de Christo ajoelhada, Que é o mesmo que subir, em alma triste. A'quelles braços hirtos que redimem... Vejo-a no lar, á meza e no jardim; Na antiga preguiceira a fiar na roca, Com seus olhos de santa sobre mim. E vejo-a em luz e amor, tal como outr'ora A vi em corpo e fórma... E ainda hoje escuto Sua voz; e ainda a vejo a tratalhar, Com brancas mãos rugosas como um fructo Já perfeito e maduro, ha muito tempo. Para a meza sagrada do Senhor! E com esse ar de graça e beatitude Já fóra d'este mundo e d'este amor!

4

E vejo aquella aureola de bondade, Luz feita de esperança e de érma magoa, Que alta e divinamente lhe envolvia A fronte, toda em rugas, como a agoa... Rástro ethéreo de luz que ella deixou, Ao partir para sempre, em nossa casa! Aza tombada e morta! Mas teu vôo Anda em meu coração que é um outro ar...

O' velhinho perfil cheio de luz, O' velhinho oriente onde assomava Riso que mata a fome e véste os nús, E se sente melhor do que se vé!

Ai, se eu pudesse traduzir em verso Esse riso, essa luz, essa harmonia? Ai, se eu pudesse condensar em agoa Essa onda mysteriosa que affluia Aos teus labios, e em riso se espalhava?

Se em extase de pedra o eternisasse? E em corpo eterno e fórma incorruptivel, Em sempiterna estatua elle ficasse?

O' ar divino! O' graça redemptora! Luz que tudo doirava! O' ar de graça, Cada vez mais perfeito e mais na aurora, Conforme te afundavas no Crepusculo! Vejo-te ainda, sim, de mãos em cruz No peito, sobre as taboas do caixão! E no teu rosto morto ainda pairava Teu riso, luz de espirito e oração. Riso sem labios já! Beatitude, Alegria liberta! Alto sorriso Que, para vir ao mundo, atravessou A distancia a que fica o Paraizo!

E um Anjo, para os outros invisivel, Meditou, mesmo ao pé do teu cadaver, N'uma expressão de magoa indefinivel, Toda essa longa noite de soluços!

O' labios frios que eu beijei, chorando! Frio que em mim ficou! Dentro de mim! E um constante nevar vae sepultando Meu coração quasi parado e extatico!

E vejo meu Avô que era a candura De minha Avô, mudada em fortaleza. Homem simples e forte que nasceu Na mais simples e forte natureza De serra austera e grave que se eleva N'um impeto de terra e fragaredos! Mas nos longos invernos, quando neva, Parece concentrar-se em oração... E ha rochas afundadas em alvuras... Claras fontes em gêlo empedernidas, Como as fontes das brancas esculpturas Que deitam ondas pallidas de marmore.

Nasceu alli, ao pé das madrugadas, Das estrellas, das nuvens e do vento... E ao pé das grandes aguias chamuscadas De chegarem tão proximo do Sol! E d'aquelle ar translucido e purissimo Que ha nas altas e claras regiões, Onde descancam, bronzeas e pesadas. Nuvens prenhes de fogo e de trovões... E ao pé da urze rasteira, dura e sêca, Tão áspera que deixa o céo dorido! Tão hirta, aguda e negra que parece Um ferro em haste vegetal fundido! E vê-se que ao passar por ella, o vento Rasga a tunica aérea! E a propria luz Roçando-a, fica toda em sangue vivo: Seu rosto, suas mãos, seus peitos nús! E perto do Marão, da serra esphingica De muda, triste e austéra face humana: Com a cauda ondeante sobre o Minho E as garras sobre a terra transmontana.

Ainda em meus olhos vive a tua imagem, O' rosto que, no fim, se anuviou! Onde vi, com tristeza, êrmo sol-pôsto Fazer-se, até que a Noite se fechou! Ai, das claras imagens amorosas Que beijarem meus olhos! Ficam logo Em estatuas de mármor convertidas, Com entranhas de lagrimas e fogo! Ai, do saudoso olhar que me deslumbra E aos meus olhos baixou! Jamais, jamais, Encontrará descanço de penumbra, Doce paz e socego de crepusculo!...

Sangue de meus Avós! (O' Fonte, Origem!) Tu transpareces, nitido, atravez O sangue de meus Paes e o sangue virgem Que o céo e a terra infiltram no meu corpo.

E vejo, sim, n'um lusco-fusco animico, (Érma nevoa espectral toldando o céo) Os velhos castanheiros que tombaram N'um estrondo que a terra estremeceu! E o pó, d'aquelle abalo estremunhado, Fugiu, voando! E assim as avesinhas, Ante essa quéda horrivel que deixou Em sobresalto as arvores visinhas!

۳

O' antigos e mortos castanheiros, Ainda vos vejo em fórma espiritual! Souto de sombra e tristes nevoeiros, Que surges ao luar, e rumorejas!... Arvores incorporeas! O' phantasmas De caules e de troncos e folhagem; Érmos espectros vegetaes que ainda Vagamente povoaes minha Paizagem... Troncos de nevoa. aos ventos, ondulando, Que ainda dão fructo e flor e reverdecem... E penetram o chão, n'elle sugando Agoas de sombra e seivas de crepusculo. . O' ramagens phantasticas, que um vento De mysterio perturba! O' folhas mortas Que voaes pelo escuro Firmamento E sois almas da Noite e luzes tristes...

O' floresta espectral, confusa e densa!
O' floresta espectral que, á luz das trevas,
Nasces da nevoa irreal que se condensa
Em corpos de illusão e de penumbra...
N'essas fórmas phantasticas que tomam
As almas do Outro-Mundo, á luz funerea
Da lua branca e morta, quando sobem
A' superficie triste da Materia...

E, de noite, appareces-me, ó floresta,
Cheia de vozes... e um murmurio fundo
De tórvo borborinho, rasga os ares,
Arripiando as arvores d'este mundo...
E appareces na nevoa... e ao luar nascente,
Rumorejas e ondulas... e qual aza,
Elevas-te no ar, confusamente...
E sombras de aves mortas esvoaçam...
E os teus ramos, que um triste luar alaga,

Alcançam as estrellas, onde bebem Essa luz que de tão longinqua e vaga, E' já uma luz morta d'além-mundo...

E appareces na nevoa... E a sombra magica Que em derredor projectas, avassalla Meu coração; o envolve, arrasta e leva... E de tal fórma o impressiona e abala, Que o funde no seu peito, — tão ardente E tão de fogo vivo e creador Esse contacto leve d'uma sombra!

Espectro do que fui, do meu amor!
O' phantasma do Nilo! O' sombras pallidas
Das arvores mortas já; de meu Irmão
E tudo o que eu amei, nunca deixeis
De povoar a minha Solidão!
Vaguiae, vaguiae, n'esta Penumbra,
Onde ao menos eu sinto, meus Avós,
Esta alegria immensa de me vêr
Quasi phantasma e sombra como vós!

Eis-me outra vez aqui, na minha terra Que já me trouxe ao collo e me cantou, Para eu adormecer, altas canções Que nem o proprio tempo dissipou... Eram vozes de luz e cantos d'ave, branes running least a se independ le auteurs de les some l'années les dures de les some l'années l'use dure se lorge se province lu seun de resid de le varieté

To refe i minicional e minicional della locale della considerata d

Querro le nevi i i e se imes ervores!

Les sol que le lecunde e son corderinhos

Que pastan nelle enciste don cuminos.

L'argan pelle bordes don cuminos.

L'argan en situs elins, escabrosos.

Por ingrenes penedos e ravinas.

Oltando com seus olhos religiosos.

Cousas que apenas vemos em espírito...

L'ape tristeza os toma e infinda dor.

Melancolia ideal, crepuscular.

A' tarde, quando a estrella do pastor

Surge, trazendo a Noite e os seus mysterios...

()' tristes animaes! O' creaturas Pubresinhas, humildes, religiosas (Jun viveis entre os homens ás escuras, Sempre além d'este mundo e d'esta luz, Ai, quem me déra a mim ser como vós!

Ai, quem me déra. ó doce jumentinho, Vêr, como viste, um Anjo do Senhor Que o Propheta não viu em seu caminho!

Se eu fosse como vós, mansos cordeiros, Que o Menino Jesus ainda avistaes: De dia, pelos lucidos outeiros, Nas trevas do curral durante a noite!

Se eu fosse como vós, aves do céo, E bichinhos da terra! Ai, se eu soubesse Tudo o que vós sabeis! E se aos meus olhos Vossa simples Verdade apparecesse! Se eu fosse assim obscuro, humilde e bom! Se eu voasse no céo, ou na sombria Terra andasse de rojo, com certeza Via Deus, rosto a rosto, e não morria...

Minha velhinha casa entre o arvoredo, Que o nevoeiro esbate em fórmas vagas; Rectas de bruma e curvas de segredo E diluidos angulos de sombra... Minha velhinha casa abandonada E triste quando o sol lhe diz adeus! E, na ascenção da lua aureolada, Phantastica se torna e transfigura... E me contempla e fala...

Mysteriosa
Casa, onde tu, ó sombra minha, esvoaças!
E entremostrando vaes teu esqueleto
De pedra e teus postigos sem vidraças...
Negros, fundos buracos que paracem
Esse olhar das caveiras, insondavel
E sempre fixo em nós, com a insistencia
Da quietação, da inercia imperturbavel...

Velhinha casa! O' portas oscillando,
Desconjuntadas já das mãos do vento,
E amollecidas do contacto brando
Dos longos dedos humidos da chuva.
Tristes ruinas que a Volupia faza.
A volupia do Tempo sensual
Que tudo abraça e beija e tudo funde.
Em seu peito chimerico e abysmal,
Para que tudo, em novo sentimento,
Em novo amor mais alto e mais profundo,
Em alegria nova e nova dôr,
Para outra vida, surja em outro mundo!

Velhinho pateo a olhar para o Oriente, Tal como um templo Celta, onde as ortigas, N'um impeto de vida consciente, Nascem da propria pedra que, apesar De ter sido cortada e trabalhada
Pelo ferro que a morde e esterelisa
E a deixa, tanta vez, incendiada,
Conserva ainda no peito claras seivas;
Intimas, fundas seivas virginaes
Que o sol commove e aquece, até que affloram
Em brandas, tenras hastes vegetaes;
Almas de aroma e corpos de verdura...
E são a propria pedra enternecida,
Vergando sob o pêso d'uma abelha...
E um zumbido a perturba... E, enlouquecida,
Estremece se um ai, um sôpro a beija.

A pedra rija e bruta e nevoenta, Que apenas cede ás fortes explosões E ás férreas alavancas, e sustenta Uma montanha ás costas! a pesada, Espassa e tôsca pedra — ei-la que treme E verga se um insecto n'ella pousa; E murcha, amarellece e chora e geme, Sob o pêso da luz...

Velhinho pateo
Que o sol, mal nasce, beija, aquece e doira...
E o luar lhe sopra, em noites outomnaes,
Espirito e penumbra que o diluem
Em êrmas, vagas fórmas espectraes...

O' fonte do Terreiro (sol e luar!)

Ante visão profunda do meu sonho...

Grande busto de Fauno que em logar De chifres, tem na fronte duas arvores! E sobre os labios sensuaes de pedra, (Boca de furna em rosto de paizagem,) Como espesso e phantastico bigode, Tem dois ramos torcidos com folhagem! E sobre a sua fronte arborisada, Paira um anjo christão d'azas abertas E extaticas, na branda luz doirada Que nimba a face gélida da pedra...

O' minha santa casa, entre o arvoredo!
O' lagrima com salas e janellas
E escadas, onde eu ouço, por encanto,
Os passos da Saudade... que ás estrellas
Ao Infinito, ás nuvens se dirigem;
Dando aos astros mais luz, e ao Infinito
Mais alma; e dando assim mais agoa virgem
A's nuvens e mais vida á minha vida!

Minha velhinha casa, com varandas Que a **no**ite desfallece e o sol aviva, Onde, á tarde, tão branca! se debruça Minha tristeza ideal, contemplativa... Esta tristeza que é meu proprio espirito, Irradiando de mim e penetrando De sentimento humano o céo e a terra. Amor que tudo vae annuviando. E o nosso sentimento que já foi Terra e céo, mais perfeito e crystalino, Regressa ao Grande Espirito que assim Cada vez é mais alto e mais divino...

Meu perturbado lar nos frios mezes, Quando o vento acordava as tuas cinzas, Como um perfil, um gesto, muitas vezes, Uma velha saudade, em nós, aviva... Quando a chuva batia na vidraça, Como nos nossos olhos nossas lagrimas Que tombam d'alta nuvem que esvoaça Atravez a amplidão do nosso sêr...

O' sacro fogo alegre e crepitante! Alegria da lenha que se vé Liberta em chamma viva e palpitante E redimida em santa claridade!

E minha Avó rezava e mais vento,
De brancas mãos asceticas erguidas
Como o fogo que ardia; e de cinzento
Cabello como o fumo; e como um lar.
Em volta, derramava tal carinho,
Uma tal sympathia e luz e graça,
Que nós todos rezavamos baixinho,
Sem saber, alheados e scismaticos...
E uma chuva meuda, sob o peso
Que faz cair as lagrimas, caía...
E ouvia-se, lá fóra, a sonhar alto

O vento... e, ás vezes, praguejava e ria! E voavam môchos pallidos, carpindo Tristezas; e no negro do Silencio E no rosto das sombras espargindo Algida e triste pallidez de lua... E todos nós, em roda da fogueira, Tão pertinho do céo, longe do mundo, Sob bençãos e luz, nos concentrávamos N'um vago, aéreo meditar profundo...

O' minha antiga casa, certa noite, Bati á tua porta; mas em vão! Estavas triste e só! Bati, bati, Como bate em meu peito o coração! E sinistras pancadas, de repente, Echoaram em tuas salas inundadas De sombra e de silencio! E novamente Bati, bati, bati! Ninguem falou! E eu olhei para mim: vi-me sósinho N'aquella noite morta, sem estrellas... E era um rosto confuso minha casa, Com seus traços de portas e janellas... E fórmas alvejantes, mysteriosas, Pairavam na penumbra e murmuravam... Cá fóra o luar chovia sobre as cousas Concentradas n'um extase infinito! E as sombras do arvoredo eram tão nitidas E negras sobre a terra, onde o luar Era tão fria e intensa pallidez Que as pedras se sentiam desmaiar!

E olhei os altos céos; e vi absorto A branca lua, além, tão clara e fria, Que assemelhava um sol... um sol já morto Oue na sombra surgiu como um phantasma... E de novo bati: chamei, chamei. E as pancadas sinistras abalaram As sombras e o silencio que, lá dentro, Em subita desordem, acordaram! Vi sombras que fugiam n'um convulso, Tremulo bater d'azas! E o silencio Passou por mim, fugindo... e no meu pulso, Houve incendios e gélidos desmaios! E as sombras e o silencio se perderam E o luar, por fim, tambem... E os altos céos E tudo se afundou n'um mar de nevoas, E. rosto a rosto, me encontrei com Deus!

O' minha antiga casa, pelo inverno,
Se o vento geme, à noite, nos beiraes
E a chuva nas vidraças, quantas vozes
E sombrios suspiros e érmos ais,
Pairam no ar escuro do meu quarto,
Como espectros de sons mysteriosos...
E se debruçam pallidos, gelados
Em meus fundos ouvidos anciosos...
E descem brandamente... e vão descendo
(O' phantasticas vozes a falar!)
Sobre o meu coração que se perturba
E em alvoroço bate e quer cantar!

Que intimidade entre elle existirá

E tudo o que de sombra, espectro e nevoa

Paira nas cousas lugubres onde ha

Vozes que elle entreouve e comprehende!...

Pois entre a minha vida e as outras vidas,

Ha uma sombra constante que me torna

Todas as fórmas vagas, diluidas

Em distancias de morte e cinza e bruma...

O que em ti é tristeza, coração, E' penumbra nos bosques; e crepusculo No sol; e em voz humilde de oração, Uma nodoa de duvida e silencio...

Uma arvore é um phantasma! O lyrio aberto Um fumo a erguer-se em haste... e a propria rocha, Por mais tôsca e real, vista de perto, E' nevoa que se perde... E nos que somos? Nosso perfil é triste nevoeiro Que se esvae, de repente! E nosso amor, Tudo o que de mais fundo e verdadeiro E claro em nós existe... ainda é noite! Ah, cada ou ser é sombra vaga, Ondulando no tempo e mais no espaço... Um esboço de vida que se apaga, Mal se acende; uma voz, um grito, um gesto... O sol é subita expressão de riso: A noite um fechar d'olhos instantaneo... E um sentimento incerto, ainda indeciso 1)a alma universal, a alma humana.

E o dia é noite ainda... E nosso espirito
Um brando lusco fusco amanhecente...
E o mundo um negro chaos, materia informe...
E o proprio Deus é ainda adolescente...

•			
		-	
	. 36		

## fl sombra do Tamega

O' minha velha casa! O' velhinhas janellas, Como dos olhos meus minha alma vê o mundo; De vós, avisto, á noite, o vago céo profundo, Onde germinam, como lyrios, as estrellas...

(Do Sempre.)

Minha santa janella onde eu medito E digo adeus ao sol e falo ao vento... E saudo a Aurora e leio no infinito E sinto, ás vezes, um deslumbramento!

Minha janella aberta sobre um val, Com arvores sombrias, onde passa Um rio de agoas mortas, espediral, Que em suas azas de nuvem esvoaça...

E vejo erguer-se o rio crystallino, Transfigurado em sonho, em nevoeiro.. E faz-se eterno espirito divino Aquelle corpo d'agoa prisioneiro. O' lactea emanação! O' nevoa densa! O' agoa aberta em aza! O' agoa escura! Agoa dos fundos pégos no ar suspensa, Vestida, como um Anjo, de brancura!

O' agoa negra e morta que te elevas, Qual phantasma, no azul que desfallece! O claro e heroico sol que vence as trevas, Porque será que ao vêr-te, empallidece?

O' agoa d'além tumulo! Agoa morta! O' agoa do Outro Mundo! Apparições De neblina entre as arvores... Absorta Paizagem povoada de visões...

E enchendo todo o espaço de esplendores, De desmaios, de mortes e de magoas, Diluindo tudo em mysticos alvôres, Ergue-se a sombra livida das agoas...

Quantas vezes de ti, minha janella, Eu lhe falo a interrogo... E com certeza A tua sombra, ó agoa, é irmã d'aquella Que anda em meu coração, e é tristeza...

i.

Ei-la a pairar na humana solidão Infinita da Noite, quando as cousas São chimerica e estranha emanação De silencios e sombras mysteriosas... Ei-la que paira, ouvindo a voz da lua, E o silencio do espaço, e as anciedades Das sombras que, na terra branca e nua, Parecem desenhar profundidades...

Ei-la a pairar nas trevas que em nós deixam, Nas almas e no céo, na terra inteira, Os olhos lacrimosos que se fecham E dão, em vez de luz, cinza e poeira...

Bem mais do que n'este ar que se respira, Pairas na minha alma... E com teus dedos De penumbra arrebatas minha lyra, O' Tamega de sonhos e segredos!

E vaes compondo versos de neblina A's arvores, ao monte e á dura fragoa... Elegias d'orvalho á luz divina, E endeixas de remanso e cantos de agoa...

E pairas dentro em mim... E n'um sombrio Gesto de aza, percorres as Alturas! E molhas minha fronte, aéreo rio; E atravez d'ella sonhas e murmuras...

E tua agoa fluidica se espraia... E n'um dôce remanso enamorado, Beijas minha janella que desmaia... E em teus beijos ha luar e sol doirado. O' bemdita janella entre as janellas, Onde fala commigo a luz do luar, E mais a voz longinqua das estrellas Que traz, em sangue, os pés de tanto andar!

Bemdita sejas tu, ó sempre aberta Sobre o meu coração, e estes outeiros, E esta noite phantantica e coberta De espectros, de visões e nevoeiros!

## absup A

Que seja uma Ascenção Ó almas, toda a Queda! (Do Sempre.)

Olha a chuva a cair! O' fulminada, Negra nuvem rebelde! O' nuvem pobresinha e condemnada A cair, a cair!

Olha uma ave que tomba e se desterra Para longe... E quem sabe Se aquellas azas atravez da terra Hão de voar mais alto!

Olha aquelle velhinho e pobre muro,
A esboroar-se quasi...
E as pedras tristes choram seu futuro
De inevitavel quéda!

\*

en la compressión de la constanción de la consta

er dates marine and proper are finde.

I mar sen assument.

I minute des marines e de marine.

I dates de terre en deposite.

Value mendige que se curve e pende. Sur r pesa un cier I pene munito a cuva que lhe escende La sense munito de tecna.

This i array in and in expect delta. Un reservite agrana! This i me imma e ara que se fecha. This i me are e lagring....

## A sombra do Vento

Espirito invisivel, ârmo vento, Força desconhecida, Que vens da fronte azul do Firmamento... Ideia incommendadal

(Do Sempre.)

O' noite morta,
O' cadaver de treva! O' mãos de gêlo,
Que pousaes sobre o rosto viandante,
A' luz, já d'além-céo, do sete-estréllo,
Sete lagrimas frias do silencio...

E ei-lo que ch ra e treme ante os doridos Phantasmas do silencio, érmos espectros Feitos dos ais do vento e dos gemidos Das cousas na afflicção da noite negra! No meu quarto estou só; medito e scismo. ...
E sonho, em que? Em nevoas, claridades,
Penumbras que se embebem no meu sér,
Fumos de sobresaltos e saudades...
E um nevoeiro de vozes e rumores,
Diluem-me num fundo esquecimento,
E ainto-me abysmar, descer... e sonho...

Subito, acordo. Quem me fala? O vento.

E tão depressa von, que meus olhos Mal o conseguem vêr! O' vento errante, Para onde vaes assim n'esse delirio, Para que mundo ausente e céo distante?... Para onde vaes n'esse delirio estranho, Que é a força que sustenta as tuas azas, Quando, em ondas de folhas e poeiras, Passas além das arvores e das casas!

Quem me dera saber para onde vaes, O' érmo vento, à noite, a clamorar... E de repente, a gas minha luz E perturbas as cinzas d meu lar!

Mas nem um ai apenas, tu descanças! E la partes! e nada te demoras, Espirito febril, phantasma hysterico, Doido que, ao mesmo tempo, ris e choras! E levas os cabellos em desordem, Quando bates com furia a minha porta; E lagrimas nos olhos, e na face A fria pallidez da noite morta...

O' cavalleiro de perfil tão triste! E todo em ondas como o fundo oceano; E todo em s bresaltos e anciedades, C mo este pobre coração humano!

E andas cheio do pó que os Rocinantes Levantam, galopando! E desgrenhado E revolto tu levas o cabello, E de mortas folhagens empoado!

O' cavalleiro pallido e outomnal, Quantas vezes, em Maio, te desmontas E te deitas cançado em lindo val, A' verde sombra mystica e pagã, D'arvore caprindo, em intima alegria, E alvoroços de mãe e sobresaltos, Uma Voz a gritar: Alleluia! Sobre os montes, os campos e as florestas!

E em doce e santa paz, fechas os olhos; (E zumbidos e võos andam no ar)
E adormeces e sonhas... e mal se ouve
Teu pacifico e lento respirar...
E o perfume das flóres bate as azas
Sobre teu brando rosto adormecido...

E vóa, ora subindo, ora descendo,
Ora ficando esparso e diluido...
Ou então se retine é se concentra
Em fórmas já mais claras e attingueis,
Formando, aqui e além, mysticas nevoas
Que são quasi corporeas e visiveis...

E as pobresinhas flores nunca tiram
Seus olhos dos perfumbs que exhalaram;
E onde vao em amor e dor e sonho.
E nas formas em que ellas encarnaram...
Pois cada aroma tem o mesmo talhe
Da flor que o gera e cria em seu amor...
O mesmo rosto, os mesmos olhos werdes,
O mesmo gesto vivo e viva cor.

A alma é um corpo em fórmas espectraes.
O perfume das rosas é uma rosa,
E o perfume d'um lyrio não é mais
Que um lyrio alado e vago e quasi espirito...
E assim a nossa alma, irradiação,
Perfume vivo, ideal da Creatura,
Tem d'ella o mesmo talhe, a mesma fórma,
A mesma escura ou lucida figura.

Mas, de repente, ó cavalleiro, acordas! E pões flóres na fronte (lindo enfeite!) Arrancadas, ó dór, antes do tempo, A verdes seios túmidos de leite!

E montas a cavallo; e, n'um delirio

E n'uma ardente febre sublimada,

Atravez de telampagos que lembram

Esse heroico fulgir da tua espada,

Galopas! e as florestas se desolam!

E os tórvos ares tremem! E das patas

Do teu cavallo, como pó, se evolam

Grossas, sombrias nuvens de tormenta!

E galopas, galopas, d idamente!

Até que emfim, te perdes na floresta

Da Noite que, à luz nova e alvorescente,

Seca, tomando um ar d'outoma e morte...

O' vento, ó vento, a uivar nas altas gáveas, Quando o mar, n'um delirio, attinge os céos! E ha soluços de espuma que embranquecem A noite, sonho túrbido de Deus...

O' vento, ó fogo aéreo em que me abrazo! A gritar nos pinhaes que se \*\*rrepelam E contorcem de dór, como se acaso, Tu quizesses, ó vento, arrebatá-los A' terra que os criou e tem por elles Alto carinho e fundo amor materno!

Nem sabes o que fazes, quando arrancas E desfolhas as arvores no inverno! Nem sabes o que fazes! Quanta magea Espalhas pela terra! E quantas cruzes Ergues no negro espaço, onde agonisam Martyrisadas e sangrentas luzes!

Quantas lagrimas tristes e soturnas Cáem de tuas azas que se agitam Em anciedades incubas, nocturnas; N'um enorme alvoroço semelhante A' exaltação prophetica, ao delirio Do poeta a meditar sobre os abysmos, Sentindo em sua carne a pedra, o lyrio, As ondas, o deserto, a terra fertil, As rochas, os metaes e os nevoeiros, Sombras do Outomno e luz das Primaveras; A neve branca e triste e a rubra lava Que escorre, como sangue, das cratéras!

Com que bruta alegria, ó vento louco,
O brando pó inquietas, e arrepelas
Verdes tranças das arvores que a Noite
Com suas mãos de sombra, enche de estrellas.
E despertas d'um claro somno leve,
O espirito das ondas, que é ternura
E commoção nas brumas e na neve
Frio deslumbramento, alvor mortal...

E como sob um ferro em braza, as ondas Estorcem-se de dór; e furiosas Atiram-se de encontro as penedias Extaticas, inertes, religiosas, Que abrem os olhos vagos e somnambulos Ante o perfil asperrimo do Norte, Despertas d'um dormin mais negro e fundo, Mais povoado de sonhos que o da morte!

Com que prazer as tuas mãos, ó vento, Espalham os incendios que ao sentí-las, Redobram de furor! e n'um momento, Se alevantam em caules abrazados! Altos troncos de fogo dividindo-se, Convulsos e inundados de suores, Em ramos crepitantes que se vestem De purpurinas e brilhantes flóres!

O' arvore abrazada! árvor de fogo!
Tuas raizes mordem e devoram
As arvores pacificas dos montes
Que nos tristes crepusculos se choram...
E com que fome horrivel e ugolina!
E quanto mais se fartam, mais ainda,
A fome as dilacera! E aquellas garras,
Com uma raiva ardente que não finda,
Cada vez mais se cravam e penetram
N'aquella carne tenra e embrandecida,
Que se contorce e grita, e se mareja
De lagrimas, e cáe desfallecida...

O' arvores christás! O' condemnadas
Pelo fogo pagão! O' dôces martyres!
Cecilias que, sem pena, sois lançadas
Sobre a arena dos tragicos incendios,
A's garras das fogueiras crepitando,
De olhos em sangue e raiva, ameaçadores;
E rugindo de colera, e agitando
A sua juba túrbida de fumo!

E o vento sopra! E a livida floresta De fogo brame, e cresce em dura guerra, N'uma anciedade de ganhar raizes Em todo o céo azul e verde terra!

Dir-se-ha que tu, ó vento, communicas
O teu delirio ao fogo e ao mar profundo!
E tão sublime e estranha é tua voz,
Pairando evocadora sobre o mundo,
Que arrebatas as ondas da maré
E as ondas abrazadas dos incendios;
E mais meu coração que tambem é
Um incendio d'amor e um mar de lagrimas!

Eis porque choro e tremo em grande abalo, Quando bates, de noite, á minha porta, E corro a abrí-la, e em alta voz te falo! E uma voz me responde, voz longinqua Que vem talvez do coração da noite Ou de meu coração... (quem sabe d'onde?) Tão triste da distancia! Unica voz

Que, sempre que interrogo, me responde!

O' voz gerada em labios espectraes!

Labios feitos de nevoa e de crepusculo

Que em segredo e mysterio, me falaes

No silencio da noite e da minha alma...

O' voz amiga e irmã, que em meus ouvidos

Morres n'um beijo aureoral de sombra!

E atravez d'estes versos commovidos,

Te repercutes pallida e chimerica!

Assim os tôrvos, densos nevoeiros,

Que são echos visiveis das profundas

Agoas das fontes, lagos e ribeiros,

Nas arvores e no ar se repercutem...

E fecho a porta á Noite que se julga Lá fôra, abandonada; ella que existe N'este meu coração, em alma e corpo, Em silencio, em luar e sombra triste...

E quebrando o silencio novamente,
Estranha exaltação, fundo arripio,
Estremecem os céos, onde deslisa
Transfigurado em nuvem, o meu rio...
E o vento geme, e bategas de chuva
São brandos fios d'agoa... e de tal arte
Prendem a terra ao céo!... Grilhão de lagrimas
Que o sol, n'um gesto d'alvorada, parte!

E as vidraças inundam-se... e perpassam Sombras na noite... E os vidros marejados Vestem-se d'ais, murmurios que esvoaçam Sobre o meu coração, e n'elle pousam... E o vento, como as agoas, tudo alaga, Deixando atraz de si um rastro escuro De silencio que o mesmo vento apaga... E fico a ouvir phantastica paizagem Que, além da voz do vento e dos enxurros, Ante os ouvidos meus se desenrola Em planicies confusas de sussurros, Montes de som e valles de silencio...

E n'um scismar profundo me concentro... Sinto que desço... fecho os olhos... ando.. E calco sob os pés estranhas sombras, Ermos, fundos abysmos contemplando !... E em declives de brumas e silencios. Sinto-me resvalar... e vou descendo Como uma penna leve... e vou subindo... E voando e sonhando e comprehendendo... Ha desmaios de nevoa... E a sombra aérea Do sonho me trespassa, embriagando Meus sentidos que ao mundo da materia Se fecham como a tampa d'um sepulchro... E vejo-me infinito e sem edade... E sinto bem meu corpo que se afunda No silencio da noite... e sinto bem Que sou Noite, Silencio, Alma profunda.

## Canção d'uma Sombra

Dir-se ha que eu nasci
Das arvores sombrias
Que estreitam, n'um abraço,
A minha antiga casa...
Que minha alma nasceu
Da luz dos claros dias
E do infinito que ha
No palpitar d'uma aza...

(Do Sempre.)

Ai, se não fosse a nevoa do meu rio E a velhinha janella onde me vou Debruçar para ouvir a voz das cousas, Eu não era o que sou.

Se não fosse esta fonte que chorava E como nós, cantava e que secou... E este sol que eu commungo, de joelhos, Eu não era o que sou.

Ai, se não fosse este luar que chama Os espectros á Vida, e se infiltrou, Como fluido magico, em meu sêr, Eu não era o que sou. E se a estrella da tarde não brilhasse; E se não fosse o vento que embalou Meu coração e as nuvens nos seus braços, Eu não era o que sou.

Ai. se não fosse a noite mysteriosa Que meus olhos de sombras povoou E de vozes sombrias meus ouvidos, Eu não era o que sou.

Sem esta terra funda e fundo rio Que ergue as azas e sobe em claro vôo; Sem estes érmos montes e arvoredos Eu não era o que sou.

## A minha sombra

Eu — a Sombra, o Mysterio, o Phantasma ignorado...
(Do Sempre.)

E vejo minha sombra mysteriosa Que ora se estende e alonga commovida, Em gestos indecisos, sobre a terra...

Ora recúa e foge, de medrosa... E em sua propria carne indefinida Parece concentrar-se e definir-se.

Dir-se-ha tomada, ás vezes, de loucura... E negros sulcos abre em luz magoada Que a mesma luz inunda e logo apaga.

Quantas vezes, se abraça á terra dura; E fica assim somnambula e parada, N'um enlevo de nevoa que o sol doira! Quantas vezes, de subito, apparece (Obra de encantamento e de magia!)
Nas agoas que lhe insuflam vida e côr...

De fórma que ella illude, e nos parece O nosso corpo vivo, á luz do dia. N'um fundo de agoas mortas encantado...

Ou se torna indecisa, a tremular... E claridades sobem mysteriosas De seu remoto seio urdido em luz.

E como fica triste, quando o luar (Agoa de sonho e nevoa) sobre as cousas, Em movimentos fluidicos, ondula.

E as vezes, quer falar... e nos deslumbra Voz espectral que os céos empallidece E as arvores apaga e a luz do sol...

E abre os labios sorrindo... E que penumbra O seu riso projecta! Até parece Que é só feita de riso a sombra humana!

E a voz da minha sombra, aonde existe A voz da Morte, alonga-se magoada Nos valles, como a noite no infinito... Fala-me da tua dôr, ó sombra triste! O' sombra que ao meu corpo estás pregada, Com os pés a sangrar e as mãos em sangue!

Tu és a imperfeição de que sou feito; A noite que meu corpo solitario Derrama sobre as cousas porque passa...

E quanto olhar ancioso e insatisfeito, Deixas na escuridão (negro calvario!) O' minha sombra triste, irmã da Morte!

És a lampada escura que ante mim Caminha, e estes meus passos allumia Na estrada que vae dar á sepultura.

O' luz do meu Principio e do meu Fim! Limite da Esperança e da Alegria, Precipicio onde cáe tudo o que vive!

O' sombra do meu corpo! O' sombra amára! Madrugada da noite interminavel Que vem surgindo, pallida, da terra...

O' sombra! O' minha vida alegre e clara, A desdobrar-se em vida miseravel, Em vida de tristeza e de amargura... Tu decerto és maldita, e fazes medo! E ao ver-te, minha face se descóra, Como Deus ante a noite primitiva...

Se tu fosses Certeza e não Segredo! Ai, se este fragil corpo, como a aurora, Irradiasse luz em vez de sombra!

Ai, se este corpo fosse a clara origem De esperança infinita e eterna fus, Em vez de escura fonte de tristeza!

Fonte de vida e amor! (divina origem!) Uma lagrima, ao menos, de Jesus, Ou um sorriso, ao menos, do deus Pan!

Ai, se elle fosse vida em vez de morte! Se em vez de me ver n'elle morto e preso, Elle se visse, em mim, liberto e vivo!

Se em vez de negra fosse clara sorte! E se levêsa fosse em vez de pêso; E em vez de ser quem ama, fosse o Amor!

O' minha pobre sombra inseparavel, Que nasceste quando eu ao mundo vim E has de baixar commigo á sepultura! És viva como eu sou, e miseravel! E serás, sombra triste, paraemim O que todo o Universo é para Deus?

E tens a mesma fórma e natureza D'este meu corpo; e o segues e acompanhas E seus gestos e modos reproduzes,

Que em ti palpita e soffre, com certeza, Sob fórmas chimericas e estranhas, Este meu pobre e fragil coração...

Ah! soffres como eu soffro! És dôr e amor! E tudo quanto eu sinto, vaes sentindo E tudo quanto eu olho, vaes olhando...

Antes fosses a sombra d'uma flôr; De rosa ou lyrio ou d'arvore espargindo Oleo santo de vivida frescura...

Ou de nuvem que os céos empallidece, Ou de aza ou de perfume esvoaçando, Ou de saudade aberta em nossos olhos;

Triste flor que apenas reverdece, Bebendo nossas lagrimas... secando Logo ás primeiras neves da Alegria. Antes fosses, ó triste sombra minha, Como a sombra pacifica dos montes; Sombra profunda e grave que se alonga,

Conforme o sol declina, e se avisinha A noite dos sombrios horizontes, N'um alvorar de paz e solidão...

E é já noite absoluta... E tudo é Sombra, Profundidade, Abysmo, Eternidade; Infinito de paz e de concordia, De commoção, ternura e de bondade...

## A sombra da Vida

E' sempiterno tudo
O que pertence á Vida.
Virgilio ainda ouço
O teu cantar bucolico...
Teu canto de tristeza,
Ophelia enlouquecida,
Ficou sempre a vibrar
No espaço melancholico...

(Do Sempre.)

Abre os labios, ó Vida, e vem dizer-me O teu segredo eterno!

O' sombra cosmica, Illumina-te, sim; quero perder-me Em teu seio de luz, não revelada. Quero-te vêr, ó Vida, rosto a rosto! Quero tocar tua divina essencia; Quero-te vêr directamente; e não Atravez da Mentira e da Apparencia.

Ah, dize-me a palavra derradeira!
Essa palavra magica que tem
Sido um murmurio vago e imperceptivel,
Um reflexo de voz, vindo do Além;
Mas vivo e commovido e illuminado

Nos labios dos Prophetas e dos Santos...

E sussurro mechanico e pesado

Na bôcca sècca e arida dos Sabios...

E voz de aroma em Bôr que desabrocha,

E vagido de nevoa em labios de agoa;

E murmurio de musgo em tôsca rocha

E brando som de luz em branda areia...

E voz de sete côres nos teus labios,

O' Iris, onde amor divino existe!

Grito febril na bôcca a arder do Sol

E syncope de voz na Lua triste...

Eis o que eu disse, um dia, á noite negra Da Terra; e a Noite os labios descerrou... E uma sombria voz, em meus ouvidos, Se fez resplandecente; e assim falou:

Teu coração ausculta, se desejas Vêr o esplendor da Essencia eterna e viva Que na Côr e na Fórma se entranhára; E n'ellas foi ceguinha e foi captiva. N'ellas gritou, chorou com amargura; Soffreu mortes, degredos e miseria, Até que, um dia, se viu livre, emfim, Da escuridão sinistra da Materia!

E em commovido e consciente espirito, Ei-la que sobe, pura e redimida, A' luz da Beatitude, Amor e Graça, A' luz de sublimada e eterna Vida! Olha: contempla o Espirito sombrio Da Origem; vé: contempla a Sombra enorme Que d'alto a baixo se rasgou, tal como Os negros véos do Templo!

E d'essa informe, Estranha Sombra cosmica saíu Onda espectral de luz quasi invisivel; Um desmaio que, pouco a pouco, abriu Seus olhos, n'um olhar de nebulosa...

Perde-te n'essa Nevoa anterior...
Primeira creatura que por sua
Vez, se tornou creadora em seu amor:
E ei-la estrella abrazada e mundo gélido!

E vagamente, a terra tenebrosa, Sob os beijos do sol que a fecundaram, Mudou-se em verde planta religiosa Que depois se tornou, por um milagre, Creadora tambem...

E as aves vôam

No céo; e pelas selvas que estremecem,
Sinistros animaes ainda indecisos
E grandes como sombras, apparecem...
(E o sol em furia e raiva, n'elles arde...)
São deuses monstruosos, sanguinarios
Que vão criar o homem que, mais tarde,
Será Boudha e Jesus...

E estes dois Santos

Deram, por sua vez, divina origem A Deus, o Sér Perfeito e Sempiterno: A Vida Espiritual mais alta e virgem, Para que tende o Homem, sublimando-se.

Sim; criar é viver e amar, soffrendo. E é mais que o Creador a Creatura. O primeiro creador é monstro horrendo E Deus é a creatura derradeira.

E o Creado tem sempre a sua fonte Na commoção etherea e transcendente, No delirio sublime e religioso, Na exaltação prophetica e vidente Do Creador que ajoelha, olhos na luz, Ou seja terra escura ou féra brava, Ou pedra ou Boudha, ou arvore ou Jesus, Ou faula de lume ou gotta de agoa!

E a ultima creatura tem a mesma
Natureza da Sombra anterior...
E a Noite do Principio e Deus se casam:
E assim a Vida e a Morte; a Dôr e o Amor.
A ultima creatura é a alma apenas.
Está longe, portanto, do Animal
Que só pode viver assassinando,
E, em vez de luz e Bem, é treva e Mal!

O' corpo para sempre condemnado A' dôr, á imperfeição! E todavia, Continuamente crias o perfeito Sêr espiritual que se extasia Em si proprio; e medita e sonha e reza; E só vê o Infinito e a Eternidade... E sem fomes, miserias, dôr e morte, Vive; e é fonte de Vida e de Bondade...

Por isso, o homem creador só pode Ser perfeito na sua creatura; Isto é, em Deus, emanação eterna E santa de seu corpo de amargura E mortal...

Deus brotou do sêr humano, Como nascem as brumas infinitas Das limitadas agoas do Oceano; E o aroma d'uma flôr e o olhar d'uns olhos...

O sér imaginario, espiritual Existe, sim; é vivo e verdadeiro: Tem existencia cosmica e real, Como o rochedo e o fogo.

E' a Essencia mãe, A Sombra originaria, a Luz escura, Que, depois de encarnar em corpo tragico, N'esse corpo se exalta e transfigura, Em sentimento eterno.

O sonho e o amor São tão reaes que, ás vezes, nos parecem Tangiveis e palpaveis; podem vêr-se! E quasi choram, sim; quasi entristecem, N'uma vaga lembrança do que foram...

Ah! o Espirito existe; existe e vive! E tudo o que o Espirito criou, Ou em sua alegria ou dôr amarga, Na terra e céo, extatico, ficou!

E Pan eternamente nos deslumbra! E ha cantar a Esperança, o Amor e a Vida, Nos bosques, sob a chuva da Penumbra; Pelos outeiros verdes, onde o Sol Se casa com as fontes murmurosas!

E Venus, para sempre, em alegria, Ha-de viver e confundir seu riso Com as lagrimas santas de Maria!

E Christo não morreu; ei-lo inda em lagrimas E sangue sobre a Cruz, como no instante Em que nas mãos do Pae rendeu a alma E o céo se fez nocturno e trovejante!

Ah! véde, olhae os cérros do Calvario! E a multidão escura e o negro céo! E ameaçando o mundo, o vento vário Com sua clava herculea de relampagos! Ah! vêde as brutas rochas que estremecem; E ao longe, o mar em lagrimas de dór! E os mortos acordados e espantados E os sepulcros abertos com fragor!

Ah! vêde a Mãe na sombra (Estrella d'Alva De luto e de joelhos!) Vêde o Filho! E' sempiterna aquella dôr que salva, Como a alegria universal de Pan!

E as Nymphas não morreram! Quantas vezes, Nos momentos de Graça, as surprehendo Em nossos érmos valles portuguezes, Nos longes de verdura e de crepusculo!

Ouço-as cantar nas claras fontes vivas! Chorar nas fontes séccas, tristemente... Pobres fontes que deitam, em vez de agoa, Aridez e poeira e séde ardente!

E tu, Santo da minha devoção, O' martyr D. Quixote, és sempiterno; E teu escudo e lança e coração! E em teu comico e triste Rocinante, Entre chufas, escarneos e maldades, Como uma luz errante, sobre a terra, Vaguearás para sempre, alto e divino E triste, contra o Mal em santa guerra! Victor Hugo foi homem? João Valjean E' homem sempiterno. Shakespeare Foi homem? Olha Ophelia: é mais irmã De tua propria alma e sentimento; Vive mais em teu peito enamorado, Em tua carne e sangue e nos teus olhos; Bem mais perto de ti, mais ao teu lado Do que a propria mulher que tu amaste!

E sempre cada nova creatura, Vida que d'outras vidas resultou, E' mais perfeita ainda e verdadeira Do que o sér anterior que a fecundou. Uma ave inda é mais viva do que a terra; E o rouxinol mais vivo que uma flôr! Ainda mais vivo o homem; e portanto, Só Deus é que é perfeito em dôr e amor!

E o homem que, deseja ser egual A' Creatura eterna que sonhou, Em seu alto delirio genial; E, portanto, criou, dando-lhe vida!

Contenta-te, Creador, em ser perfeito Na tua Creatura!

O' contingente E miseravel corpo que não podes Existir sem matar, se tu contente! Homem, exhulta e canta! Foste a origem De Deus, tu que és Satan! Tu que és o Immundo Concebeste a Pureza! E sendo o Mal Foste a fonte do Bem!

Tu, que és um mundo De miseria, de morte, escuridão, Fizeste o Paraizo!

Ergue os teus olhos, E ergue n'elles teu forte coração; E, de joelhos, contempla o que criaste!

E mais não podes tu, pois sempre fica O Creador distante da Creatura.

Bem longe fica o sol da luz da aurora!

E a propria escuridão da noite escura!

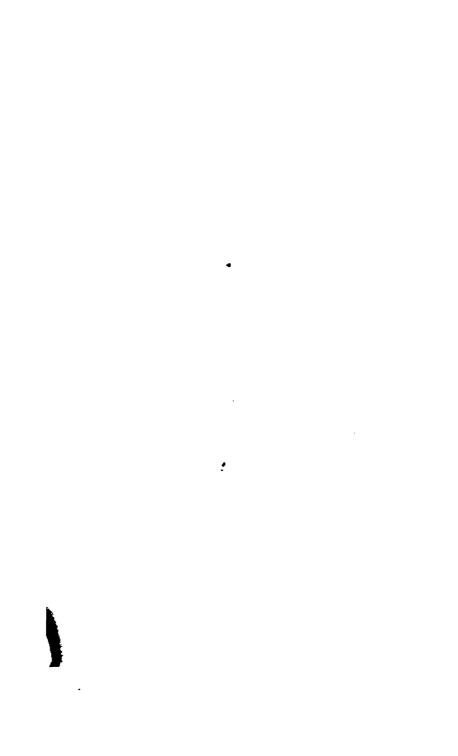
E o Poeta da sua Obra! E o nosso olhar

Dos olhos! E o amor do coração!

E o sorriso dos labios! E o voar

A que distancia está das proprias azas!

Dize à terra que seja semelhante A' flôr que ella criou! E dize à flôr Que seja egual à ave! E ao lobo errante Que seja egual a Boudha e a Jesus Christo!



## Meu coração é tudo

E tu, meu coração, surgiste d'entre a terra, Como a haste que sobe, e em flôres desabrocha; E como a luz do sol dos pincaros da serra E a urze sem verdor das fendas d'uma rocha.

(Do Sempre.)

Quantas vezes eu desejo Meu coração encontrar! Mas onde é que tu estás, Coração?

Será dentro d'este peito, Onde te sinto bater A tua triste morada, Coração?

Que importa que tu estejas Dentro de mim, tão unido E entranhado em minha carne, Coração! Pois sempre que te procuro E necessito de ti, Nem me falas nem me ouves, Coração!

Não fazes caso de mim; Eu para ti não sou nada. E amas tudo quanto existe, Coração!

Sou caverna onde te mettes, Emquanto é noite sómente. Mal vem o dia, lá partes, Coração.

Por isso, se quero vér-te, Olho as aves e as estrellas, As montanhas e os rochedos, Coração.

E tomas todas as fórmas! Mal te vejo triste flór, És logo nuvem e fonte, Coração.

Quantas vezes nos meus olhos Es lagrima a tremular; E sorriso nos meus labios, Coração. Em ti, a folha já morta Encontra viço e verdura; Em teu amor resuscita, Coração.

Se d'um porto branca vela, Sobre as ondas quer voar, Os teus suspiros a levam, Coração!

E as estrellas que arrefecem, Vão banhar-se em tuas chammas; E scintillam como em novas, Coração.

Apenas eu não consigo Pôr-te os olhos um momento; Arvore, estrella, neblina, Coração.

Sou a pégada que deixas N'este lódo, quando passas A caminho do Infinito, Coração.

Tu és os olhos que eu abro Para a terra e para o céo; És meus labios, meus ouvidos, Coração. Só por ti eu communico Com as outra creaturas; És a lingua em que lhes falo, Coração.

E eu para ti sou apenas, Um antro negro e profundo, Onde só vens quando é noite, Coração.

## A Sombra do Luar

O' noites de mar!
Noites desconhecidas!
O' creação da Lua,
O' altas creaturas!
Almas que visitaes
Minha alma! Estranhas vidas,
Que, ao vir do sol, ficaes
N'este mundo, ás escuras!

(Do Sempre.)

Ouve-se o luar caír sobre as ramagens, Como chuva meudinha... E vae regando As estereis e pallidas paizagens Que a noite, como fogo, resequiu... E, pouco a pouco, a terra sécca e dura, N'uma dôce emoção religiosa, Vae-se vestindo de intima verdura E de flóres occultas e espectraes... Alta vegetação indefinida; Ramos, folhas, ervinhas transcendentes, Filhas da luz apenas reflectida... Creaturas ideaes que para as outras, Sois o que é para uma arvore sensivel A sua verde imagem...

E o luar cresce, E abre como uma flór... E do Invisível Nascem Apparições desconhecidas Que me sáem, de subito, ao caminho, Ou apparecem, vagamente, ao longe, Quando eu ando, de noite, êrmo e sósinho, Como os Doidos e a Lua...

Hora divina,
Hora profunda de milagres, quando
De nossas trevas intimas affluem
Sombras ao nosso olhar; e quando as côres
Na indecisão de tudo se diluem...
E assim diluidas, casam-se e combinam-se,
Ficando mais irmãs que á luz do dia...
E formam um só corpo, uma só alma,
E sonham todas uma côr sombria!

Quando o Silencio ao triste luar se casa; E n'um abraço espiritual se fundem! E a Noite, n'um profundo bater d'aza, Parece vir pousar em nossos olhos... E as arvores têm um rosto de quem dorme E um espirito occulto que vagueia, Longe d'ellas, talvez... e em outras terras, Cria funda raiz, e ao vento ondeia...

£; \*\*\*\*\*

Hora d'amor e dôr e piedade, Quando as folhas das arvores felizes, Em busca de luar, no céo penetram Como na terra as sôffregas raizes! Quando alvuras de neves e de marmores, Sobem à face escura da Distancia... E as sombras dos rochedos e das arvores. Parecem tristes como um rosto humano...

Hora estranha de sombra! quando Venus Desmaia ao luar; e lembra desmaiada Uma lagrima triste de Maria Sobre o perfil de Apollo incendiada.

Hora de encantamento e de mysterio... Hora santa do Enigma; hora divina De vidas e de mortes, quando o céo E' alto e largo e a terra pequenina!

Hora de invocações, visões e syncopes, E de vozes sem labios, e de olhares Sem olhos, e de fórmas incorporeas; E andam ventos de marmore nos ares...

Hora em que eu sáio, arripiado e mudo, De casa; e ando sósinho e pensativo, Sobre a Terra, onde eu soffro, em carne e sangue; Sob o Azul onde, em alma, rezo e vivo!

E sinto bem que, dentro em mim, existe A vossa dôr, ó arvores, que ao luar Escondeis entre as mãos o rosto triste, Ennevoado de sombras e de lagrimas...

Ah, desce ao fundo dos meus olhos, Lua! Quero sentir em mim essa tristeza Que à superficie do luar fluctua, Como avesinha morta á tona d'agoa! Tristeza que elle trouxe lá dos céos... Tristeza do Infinito e da Distancia! Santa tristeza cosmica de Deus! Calma tristeza ideal da Eternidade! Tristeza do Indeciso, do Principio! Do Vago, do Crepusculo! Tristeza, Eu bem te sinto em mim, pois tambem sou Indecisão, crepusculo e incerteza! Sou principio de vida e fim de vida; Uma aurora e um poente á mesma hora; Luz alegre e penumbra dolorida Condensadas em viva e nova luz!

Tristeza do Luar, tristeza mãe; Mãe da nossa tristeza. Se não fosse O branco luar chimerico, ninguem, Nenhuma cousa, sim, seria triste.

Ai, basta vêr-te, ó morta claridade, Em lagrimas caír sobre este mundo... Basta vêr-te caír, se na verdade E' o mesmo que chorar vêr uma lagrima...

Foste o Espirito Santo, o Luar triste, Que a Virgem abraçou e fecundou... Fôste tu que a beijaste e que a sentiste Em teus braços, ficar n'um spasmo ethereo! Pois tu, bem claro e nitido, appareces, Em toda a tua graça e branca luz, E mystica piedade e dôr sublime, No gesto e nas palavras de Jesus!

Ah, fôste a origem da tristeza humana, Como o Sol a Alegria originou... O sol que para a terra, é aquella voz Que o sepulcro de Lazaro abalou!

Quando o Sol, de surpreza, aureo calor, Nos entra pelo quarto, e em crystallina, Limpida voz nos chama com amor A' leminosa e clara realidade D'uma manha de Maio o nosso espirito, De sonho em sonho, tanto caminhar, (Sonhos que são os montes d'além-mundo) Cancado, os olhos abre ao marulhar Da luz, inda nevoentos de visões, De precipicios fundos e céos altos, De estranhos e afflictivos pesadellos, Arripios, tremores, sobresaltos; - Ralegre, os vae banhar na luz sadia, E em paz e amor contempla a Creação... E sorri e abençoa na alegria Infinita e sagrada de viver!

O sol é o pae de Pan; e a verde terra A mãe. E um dia, a terra funda e virgem Casou-se com o Sol, sob a purissima Benção da Sombra cosmica da Origem.

Que festas, que alegria e que noivado Houve no Olympo! E só os houve eguaes, Quando Venus nasceu do mar salgado, Quando a espuma das ondas aqueceu E se fez carne viva e lacteos peitos; Corpo de neve, em chammas, emanando Um calor que tomava as proprias pedras E a propria Pallidez ia córando... E a cór verde das ondas que se movem Com ancias de voar, se abriu á luz, Em dois olhos divinos d'onde chovem Fecundidade, amor e primavera!

Tu és o pae de Pan, ó daro Sol; E a Terra sua mãe...

Com que delirio
O sol à terra se abraçou, beijando-a,
E um beijo era uma rosa, um cravo, um lyrio...
E a Terra viu seu ventre, qual caverna,
Abrir-se n'um abysmo de harmonia
E luz; e dar à luz, à luz eterna
O grande Pan que reina nas florestas,
No mundo, na materia e mais no corpo;
No Fogo, no Desejo e no Peccado...

Satan que floresceste a negra cruz, E estás em sua flor crucificado; E deitas agoa clara em vez de sangue! O teu olhar é um facho mysterioso Que se illumina e é noite; e que se apaga E é luz de eterno espirito amoroso... E aureolado de luz e de calor. Todo vestido de folhagens verdes, Com os cabellos soltos ao sabor Do vento que é seu halito fecundo... E sobre a terra túmida de seivas. Que é sua propria carne latejante: - Ei-lo que reina em paz de Primavera Ou em guerra de nuvem trovejante! Ei-lo que reina sobre o Mundo e a Carne E na Materia tragica e sem fim... E na sombra mais negra e mais humana Que tem havido — a sombra de Caim!

Véde seu corpo immenso e sempiterno...

Membros de terra e pedra; olhos de íogo.

E com seus pés de cabra alcança o Inferno

E toca com os chifres nas estrellas!

Mas ai, se o dia morre e a Noite negra Apparece no céo, a avoejar, Como um pallido dia de além-tumulo, As aves, em desordem, pelo ar, Em sobresaltos tremulos voando, Escondem-se nos ramos, como os lobos Nas cavernas da serra, uivando, uivando A' Noite que os domina e atemorisa...

E as proprias sombras, sim, quasi se tolhem De medo; e vão fugindo até que emfim, Tornando-se invisiveis, se recolhem Ao casto seio maternal das arvores... E, n'um passo tão timido e hesitante, Apparecem sómente quando a aurora, Como um Anjo de espada flammejante, Mata o Dragão da Noite, e lhe arrebata Das garras portentosas, este mundo (O' impeto de luz heroico e forte!) Que volta a si, tomando vida e côr, Aos proprios pés calcando a propria morte!

Mas, quando a noite escura vem do céo,
N'um vago gesto de aza que arrefece
O mundo; e pousa, triste, em nossos olhos
Que lembram ramos onde, á noite, desce,
Em largas revoadas circulares,
Uma infinita multidão de sombras...
Onda de cinza esparsa pelos ares
Que cáe do sol já frio e amortecido,
— Vejo meu c rpo em sombras afundar-se.
E sinto minha vida tão confusa
N'um nevoeiro de vidas a espalhar-se,
Por toda a terra escura e claro céo!

E minha consciencia empallidece;
E se alonga confusa e semelhante
A uma gotta de orvalho, á luz do sol,
Entre a nuvem e a lagrima hesitante!

Mas nasce o Luar... e em minha fronte neva; E volto a mim; acordo e resuscito, Qual onda que, alta e nitida, se eleva, Depois de se espraiar em fórmas vagas...

E vou subindo um monte que o Luar, Como as agoas das fontes, reverdece. E a Distancia baumosa lembra o mar E ha paizagens de nuvens pelo céo. E as fórmas nevoentas dos pinhaes Resuscitam, trazendo em pleno corpo, Os sangrentos e tragicos signaes Da cruz, onde os pregou a noite negra! E as sombras apparecem vagamente, A medo, como a loira luz do dia Oue sorri nas friestas, de manhã, E nos manda viver em alegria... E ao longe, as fórmas lividas dos montes Têm gestos de penumbra; e as agoas gélidas Choram nas boccas espectraes das fontes... E em tudo ha tristes olhos que nos fitam.

E os rouxinoes, na boa sombra amiga, Cantam com tal loucura e enthusiasmo, Que, por fim, cáem mortos de fadiga Na agoa dos ribeiros que, ao senti-los Nos seios, ainda quentes da emoção Que a voz lhes accendeu, como apagou A vida—ha de ter pena e maldizer A hora em que ella, em ondas, aflorou Ao verde olhar da terra...

Agoa infeliz,
De que te serve a ti, matar a séde
Aos bichos? Ser tragada pela raiz
D'uma planta na febre de florir?
E que prazer te podem dar os astros
Que, de bem longe, descem ao teu peito,
Se, n'elle, o corpo vivo d'uma estrella
Um cadaver encontra iá desfeito!

Agoa dos campos, dos jardins, das hortas! Agoa baixinha, humilde, sem abysmos, Onde cáem, no outomno, folhas mortas E mortos rouxinoes na Primavera!

Mas tu, dôce luar das Solidões,
Resuscitas meu corpo; e ei-lo na terra
Mais vivo e unificado; e as multidões
De vidas que esta minha vida fórmam
E a Noite dispersou — vejo-as de novo
N'uma só clara vida concentradas.
E o que era multidão, confuso povo
E' um individuo só, uma só alma.
E minha consciencia se define;
Abre os olhos e vê; contempla o mundo
Externo e material, para sondar
O que ha n'elle d'espirito profundo...

E vejo-me, sósinho, n'esta terra Que lateja e palpita n'um rumor De seivas circulantes que, ao luar, São abrolhar de gômo e abrir de flôr... E as sementes occultas, genesiacas, Como tocadas de agoa e de sol vivo, Abrem-se como um ventre e dão á luz Desde o tôjo rasteiro ao cedro altivo; — Rasteiro e altivo ao nosso olhar apenas, Pois aos olhos do Espirito uma ervinha E um alto roble são da mesma altura...

Que distancia a do sol a uma andorinha? D'um ramo em flôr a um nobre pensamento? Da noite ao dia? Do sorriso á lagrima? De tana pedrinha núa a um sentimento Despido como a agoa e como a luz?..

E assim, sósinho, eu penso em alta voz, N'esta certeza de que sou ouvido Pelo mundo sombrio que me cerca.

E me contempla e fala commovido...

Ah! ouço a voz de tudo quanto existe!

E nem eu faço mais que repetir,

Em fragil voz humana, pobre e triste,

O que me diz a terra, n'uma voz

Divina, de silencio e sombra cherea;

E não de som corporeo e transitorio

Que toca a face dura da Materia,

Sem deixar um vestigio de murmurio...

E as cousas me contemplam tão serenas, Impassiveis! E existem dentro d'ellas, Tremores, tempestades, sobresaltos, Fundos abysmos, lucidas estrellas!
Desabamentos fragorosos! Vidas
Que se somem na Noite! Madrugadas,
D'onde se exhala a vã serenidade
Das cousas que o luar deixa concentradas
N'uma bruma de espirito e de sonho,
N'um nevoeiro espesso que deslumbra;
N'um extase gelado de cadaver,
Extase de silencio e de penumbra...

Ellas ouvem-me, sim; e quantas vezes, Uma pedra me diz: O' meu irmão, Tu lembras-te de mim, d'aquella vida Que vivemos na ardente solidão D'esses tempos genesicos, quando era Esse teu corpo vivo, isto que sou, Esta aspereza esteril, bruta e féra; Esta fria dureza que se fez Em ti, serenidade, amor, brandura?...

E sou ainda o que já fôste, poeta; Ainda estou morta e presa á terra dura, Onde andas, vivo e livre, á luz dos astros!

Ah! chora a minha negra escravidao!
(Dôr que sómente o Poeta comprehende)
Até que, um dia, abrandem tuas lagrimas
Este terrivel péso que me prende
A' terra, fatalmente!

Ah! chora, chora!
Ergue-me em tuas lagrimas que vôam
Mais alto que o teu riso e a luz da aurora!
Quero ser dôr, amor e sentimento;
Quero subir em nuvem libertada;
Quero orvalhar os labios sequiosos
De Deus! Bocca febril, bocca mirrada
E com sêde de vida insaciave!!

Como a tragica sombra de Satan Estava a Dôr tentando-a; a mesma dôr (Alvorada da vida, ante-manhã) Qua meu corpo tentou, quando era ainda Um lôdo escuro em fundo de lagôa: Ouando era minha alma inda rumor. Lusco fusco de vida alvorocando A terra toda fogo e toda amor! Terre acordando, emfim. d'esse marasmo Da inerte consciencia da Materia. E em doloroso e santo enthusiasmo. Para si propria começou a olhar... Tanto bateu aquelle olhar ardente De encontro ao corpo bruto e miseravel, Tornando-o de tal fórma transparente Oue, além d'elle, afinal, descobriu Deus!

E ouvindo a voz da Pedra, eu meditei Na Dôr, Principio eterno, Emanação Da sombra triste e universal de Deus, Que sobre a fria e morta Creação, Constantemente, eternamente atúa, Chamaudo e terro, a agos, a tur dorida: Chamaudo a petira, a terra, o timo, o fogo, Innexuravel, tatalmente a Vida!

L'ouvindo a Dor, tudo abre uns olhos tristes; I udo estremece e came e principia A ser hostia de amor nas mãos de Deus; Hostia que elle communge à luz do dia, Depois de a erguer tão alto, que ella passa As ouvens, as estrellas e as Origens. O Destino, as miserias, a desgraça L vae além da Vida e além da Morie!

t, assim a Vida é o grande sacrificio (pue a Deus faz a sensivel Natureza. Para que Deus exista em dór e amor. Itm alegria lucida e tristeza: I; tenha, emfim, uma existencia clara t; viva e real e cosmica e divina. (Anno o rochedo que tombando, esmaga. (Anno o riso da nuvem que fulmina!

E o luar chovia, n'um rumor tão leve, Qual tenue sombra d'aza palpitando, Ao clarão das estrellas, sobre a neve Que é um uar mais frio e mais intenso Mas essa nevoa, d'onde o luar nascente Chovia, dissipou-se; e todo o céo Ficou limpo de luz... E novamente Meu sér se dispersou em fórmas vagas, E me tornei confuso e indefinido... E mal se distinguia d'entre os séres Este corpo alagado e diluido Nas arvores, nas pedras e nas sombras... E as montanhas, a terra, o vento norte, Meu corpo e tudo, emfim, n'um só espirito Fundiu-se, de tocar-lhe a chamma forte Que sáe do incendio tragico da Noite!



# Os meus olhos e uma pedra

Sombras que vejo em mim E em tudo quanto exispe.

(Do Sempre.)

Porque é que vos, meus olhos, de repente, Commovidos ficaes a olhar, a olhar Uma pedra qualquer, se toda a gente Era incapaz de n'ella reparar?

Uma pedra céguinha, inconsciente Que nada vé; mas vosso claro olhar Cobre-a de tal ternura, que ella sente Como um calor de vida a despontar...

E uma occulta visão mysteriosa Transparece na pedra; e a luz radiosa, Vé-a atravez d'um vago nevoeiro...

Ah, foi decerto assim que a luz dos céos, A luz que vem do Sol e vem de Deus, Ergueu da terra, um dia, o Sér primeiro!

### Uma arvore e o sol

Arvore minha amiga, abençoada Alminha vegetal, com que ternura Abres o brando seio á luz sagrada Que, como um vento mystico, murmura.

Logo te viste mãe; e para a Altura Ergueste as mãos alegre e alvoroçada. E lembravas assim a Virgem Pura, Ao sentir-se do Espirito pejada.

E o teu corpo, todo elle era uma flór. E emanações de ardente e casto amor, Tudo, em volta de ti, embriagavam...

Mas na alegria immensa que sentias, O' arvore feliz, nem sequer vias A sombra que teus ramos projectavam...

## Uma gotta de chuva

Uma gotta de chuva que trespassa
Os telhados e o tecto, vae tombar
No meu escuro quarto, onde esvoaça
A sombra do silencio... E fico a olhar

A chuva triste e fria na vidraça, E minha luz, ao vento, a desmaiar... Vento que me abre a porta quando passa E aviva as cinzas mortas do meu lar!

E que impressão me faz aquella magoa, Aquelle som de dôr que exhala a agoa Que nas nuvens andou liberta e viva;

E de repente, sem saber porqué, Ella, a innocente, a clara, assim se vé, Na fórma d'uma lagrima captiva.

### Os olhos dos animaes

Que triste o olhar do cão! Até parece Mais um queixume, um intimo lamento Da noite interior que lhe escurece O coração que é todo sentimento.

Contemplae um boi: vêde o tormento Que em seus olhos tão calmos transparece... E os olhos da ovelhinha e os do jumento! Que tristes! Só o vê-los entristece...

Chora em todo o crepusculo a tristeza. E além do sér humano, a Natureza E' um crepusculo ainda feito de ais...

Por isso, o vosso olhar de escuridão, E' mais lagrima ainda que visão, O' tristes e saudosos animaes!

## Uma ave e o poeta

O' espirito, ó alma, ó sempiterno amor l Para que vives tu na l'órma mentirosa? Para que te escondeste, aroma, n'uma flôr, Se é uma sombra, uma noite escura cada rosa?

(Do Sempre.)

Sobre aquelle pinheire aureolado
De inerte e vegetal melancholia,
Um passarinho alegre e alvoroçado,
Cantou, cantou durante todo o dia...

Estive a ouví-lo mudo e extasiado...

Mas, por fim, perguntei-lhe: Que alegria,
Se fez em ti, ó corpo acostumado
A' cruz das tuas azas de agonia?

Que signal viste tu, no céo profundo? Que foi que aconteceu sobre este mundo? Grande cousa de certo adivinhaste...

Ou revelou-te a Luz o seu mysterio? E tua clara voz, n'um vôo ethereo, Em procura do Sol, alevantaste? E a avesinha ficou estarrecida! A voz humana as aves apavora, Por mais enamorada e commovida: Ou seja voz que reza ou voz que chora.

E julgando em perigo a propria vida, Fugiu, voou por esse espaço fóra, Procurando, bem longe, uma guarida, Pertinho das estrellas e da aurora.

E bem triste fiquei a meditar
Na minha voz humilde que a rezar
(Tantos crimes lhe pesam!) causa medo:

Crimes que vem das vidas que passaram; E tão cruel e tragica a tornaram, Oue faz tremer as aves e os rochedos!

E chorei e chorei, com amargura; E meus olhos em lagrimas partiram D'essas azas saudosas em procura, Que as trevas, como fogo, consumiram!

Mas na noite pesada e tão escura, Os meus olhos tambem se diluiram... E voando, voando para a Altura, Além das nuvens, a avesinha viram. E n'uma voz bem triste e piedosa, (Que afinal a avesinha receosa, Mais confiante ficou e sem temor)

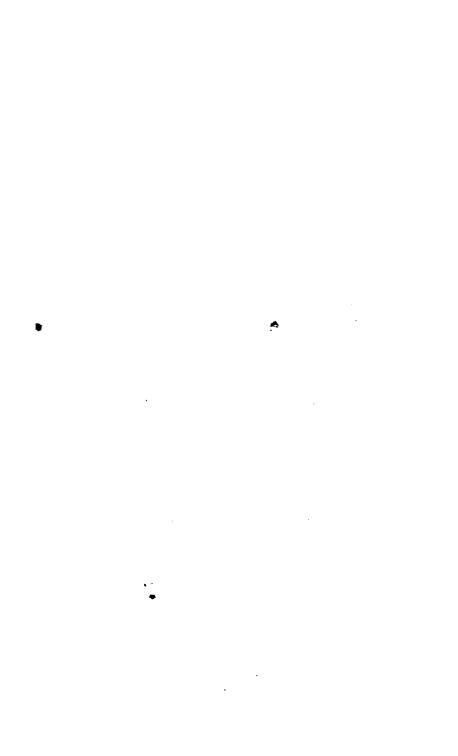
Meus olhos lhe disseram: Vés o Homem Que tanto crime e guerra e dôr consomem? Tambem já n'elle, ó ave, existe o amor.

E a avesinha ficou mais confiada; E n'um olhar tad'santo me envolveu, Que em sua dôce voz illuminada E tão cheia de graça, respondeu:

Meu canto é luz do sol em mim filtrada; Vou a cantar... e canta a luz do céo. E das aves da noite a voz cerrada, E' penumbra que n'ellas se embebeu.

Apenas sinto em mim grande alegria! E um desejo de ser só harmonia; Canção de luz que mundo e céos inflamma!

Ser a Esperança, o Sonho e a Anciedade; Não ser a estrella e ser a Claridade; Ser apenas o Amor, não ser quem ama.



### Boudha

Seguia Boudha, um dia, o seu caminho, Sob os raios do sol que o penetravam, Quando avistou, deitado, um cão velhinho, Com chagas, onde os vermes pullulavam.

E d'elle se abeirou; e com carinho, Limpou-lhe as chagas pôdres que cheiravam Tão mal! livrando assim o pobresinho, Mendigo cão dos vermes que o matavam.

E, preoccupado, continuou andando... Mas lembrou-se dos vermes que, ficando Sem nenhum alimento, iam morrer.

E voltou ao pé d'elles; e um pedaça De carne alli cortara do seu braço; E abençoando-os, deu-lhes de comer

# Marco flurelio

Um dia, Marco Aurelio a passear Andava, em seu jardim; e meditava No mysterio da Vida; e o seu olhar A esphinge do Universo interrogava...

ŗ.

E tão immerso em sonhos elle estava, Que trilhou, por acaso, ao passear, Um bicho que na terra rastejava, Sem umas azas, ai, para voar!

E Marco triste e mudo alli ficou, (Dizem que muito tempo) e meditou Na morte que acabára de fazer;

Na fallivel, chimerica bondade Que mesmo em sua eterna claridade, E' tão ceguinha e mata sem querer!

### Frei João Bernardes

Pela serra de Cintra, onde murmura A agoa, sob a verde ramaria, (Na solidão, ausencia da creatura, Mas presença de Deus) elle vivia

E mais uma gazella. Companhia Amoravel e dóce! E com ternura Compunha versos mysticos, e os lia A's flóres, á gazella, á agoa pura.

E nos olhos da sua companheira, O Santo via a aurora, a luz primeira Que o mandava rezar ao Creador.

E nos olhos do Santo, ella avistava A estrella vespertina que a mandava A' gruta recolher, em paz e amor. 1

# S. Francisco de fissis

S. Francisco de Assis falava outr'ora A's aves e ás ervinhas, triste e só; Se tudo vive e sonha e soffre e chora, Se é tudo a mesma alma e o mesmo pó!

Por isso, elle sentia pena e dó Por tudo quanto doira a luz da aurora, E não bebeu no poço de Jacob Aquella agoa de vida redemptora.

O' lobos, meus irmãos! Irmãs ervinhas! O' pedras! Tristes agoas pobresinhas, Creaturas do meu sangue, e sempre em guerra!

Quanto vos amo em Deus! E sinto bem Que esta terra que eu beijo é nossa Máe E que a sombra de Deus anda na Terra!

#### De noite

Olha a chuva miudinha como cáe Lá fóra, n'um sussurro que entristece. E' tarde já; meus olhos descançae! Oue bem nas noites frias se adormece!

E deito-me na cama, sim; mas, ai, Minha vidraça, aos ventos, estremece! Vozes da escuridão, falae, falae, Que não pode dormir quem vos conhece!

Noite povoada d'almas! Noite infinda...
O' luz à cabeceira bruxuleante!
Versos por encarnar, sem forma ainda...

O' primeira canção no Azul sem fim! Primeira luz, nas friestas, hesitante; Mão que meus olhos vens fechar, emfim! Mão que fechas meus olhos com amor, Quando a primeira luz se vê luzir, (Sorriso das friestas) e um rumor De nova vida se começa a ouvir.

E meus olhos cançados vão dormir... E em volta d'elles pairam, n'um fulgor, As visões, os espectros e o sorrir Esphingico da Sombra... E o sonho e a dôr

De branda aureola os cercam... Dir-se-hia O proprio olhar as palpebras passando, Um mundo de mysterio contemplando...

Mundo espectral de sonho e d'harmonia Que se vé a sonhar, e aonde nos guia Essa divina mão, n'um gesto brando.

## De manhã

A's vezes, quando acordo, fico a olhar As paredes do quarto; e extasiado, N'ellas vejo, confusas, vaguear Sombras que vem no brando sol doirado

Que atravez as friestas ao passar, E ao vêr-se pelas trevas assaltado, Perde o sangue, desmaia e faz lembrar \* Por uma lança um corpo trespassado!

Ei-las que pairam na parede núa, Onde a cal branca evoca a luz da lua; Luz que molda em penumbra um mundo ignoto...

E tu, creatura humana, és egualmente Visivel projecção d'um transcendente E invisivel espirito remoto...

.

E uma das sombras, triste, me fitou E disse-me: Não sabes com certeza O corpo d'onde venho e que gerou Esta vida de sombra e de tristeza.

Esse corpo infeliz, além, passou; E soffre sêde e fome; e canta e reza. Meu sêr de sua carne se exhalou E d'ella trouxe esta mortal tristeza!

Mas este frouxo luar de tua alcova, Lá fóra, é luz do sol, alegre e nova, Que beijou esse corpo, a resplender...

E aquelle brando beijo illuminado E contacto tão leve e delicado, Foi o bastante, sim, para eu nascer!

### Orféo

Divino canto as cousas commovia; E de ternura as arvores choravam... E era como um luar a luz do dia E os ribeiros, extaticos, paravam.

Era Orféo que, tão pallido, descia. A's entranhas da terra! E se afundavam Os seus olhos na noite muda e fria, Onde as pallidas sombras vagueavam.

E Euridece, o seu morto e triste amor, Ouvindo-o, tomou forma e viva cor Como quando, no mundo, Orféo a viu!...

Mas, ai, Orféo quiz vê-la! E qual neblina, Que foge mal lhe toca a luz divina, Outra vez sombra, Euridece fugiu!... Ai, de quem vé o Mundo e a Creatura Com este olhar da Carne; escuridão Que tudo nos transtorna e desfigura; Nem mostra o mundo e o céo como elles são!

Can este olhar que é noite, noite escura; Apenas noite, chaos e confusão! E nos faz vêr brutal e tôsca e dura A sensivel e viva Creação!

O' mentirosa luz que só revelas A face tenebrosa das estrellas E o que é fragil nos homens e na flôr!

Candeia, onde é o azeite agoa dorida, Não nos mostras o mundo em alma e vida, Mas apenas em corpo, em morte e dôr.

### A sombra de Jesus

Entre o sombrio e biblico arvoredo Do Jardim, onde Christo repousava, N'um alvorar de sonho e de segredo, Fez-se uma luz, e no ar se alevantava...

Era mais uma nevoa que toldava •

De luz o céo e a terra; e quasi a medo,

Por um milagre estranho, ella tomava

Uma alta fórma humana, entre o arvoredo.

Era Jesus. E logo Magdalena, N'essa manhã genesica e serena, Foi ao encontro d'elle, enlouquecida!

Mas Jesus era a Sombra, era o Fulgor; O Espirito, a Verdade, a Dór e o Amor: Era vida sem corpo, era só Vida!

# A sombra de Pan

Quando de todo se extinguir a Vida; Quando as agoas gelarem, e este mundo Rolar na immensidade escurecida, Como um deserto funebre e infecundo;

Quando a luz, avesinha mal ferida, Exanime caír no céo profundo... Pros corpos se fundirem na dorida, Eterna Essencia que animára o mundo;

Quando sómente o Espirito inundar, Como invisivel agoa, todo o ar, Onde murchou a estrella da manhã:

Sonhando um novo genesis glorioso, Surgirá no Infinito tenebroso, A sombra enorme e tragica de Panl

### A Sombra da Dôr

O' Dôr, riso de Deus e pranto de Jesus!
(Do Para a Luz)

Quantas vezes sósinho, triste e mudo,
Percorro a Solidão (não sei porque,
As pessoas são nada e as cousas tudo)
E fico assim extatico e suspenso...
E n'este pobre coração acorda
Uma outomnal tristeza de crepusculo;
Dôce melancholia que recorda
Aquella que se espalha sobre os valles,
Em cinza de oiro e nevoa, quando o Outomno,
Onda mortal de lagrimas e sombras,
Invade a Terra, e a deixa no Mandono
Da Alegria, do Sol e da Esperança.

Tragica dór das cousas que morreu, Vaga sombra de angustia anterior; Espectro que anda errante pelo céo, Nos crepusculos tristes e no Inverno... Anda no ar dorido do Poente. Na bruma da Distancia, e na folhagem Que cáe dos ramos funebres, molhando De pallidez a face da Paizagem... E nos cantos do sapo que entristecem, E no cair da chuva; e no sussurro Do vento; e em nossos olhos que anoitecem, Quando uma sombra passa deante d'elles.

O' santa Solidão! Dôce tristeza! O' terra larga, esteril, indecisa, Onde vemos a Deus, e nosso espirito Sómente em nossa carne se enraiza!

O' Santa Solidão, onde nossa alma Em suas proprias lagrimas procura Matar a sêde ardente; e onde o Universo Em nosso coração se transfigura!

Dor de quem scisma pallido e sósinho...
Melancholia estranha que se abraça
E une ao meu coração, com tal carinho
Oue nem um rio ao leito onde adormece!

E como vós, ó arvores, pelo outomno, Quanta tristeza, mysteriosa, etherea, Quantos velhos e mortos soffrimentos! Quanta horrorosa e tragica miseria, Que nosso antigo coração mataram, N'essas antigas vidas já passadas,

— Surgem dentro de nós, como o murmurio
Confuso de longinquas trovoadas...

Ai, quanta baça e túrbida tristeza Nos veste de penumbra o coração, Quando, ceguinho e preso em nosso peito, Vé, atravez de nós, a Solidão!

Essa tristeza é grande dor soffrida (Um Diluvio ja quasi gotta de agoa) Que chega junto a nos desfallecida Da infinita distancia que ella andou. São enormes e tragicos martyrios; Cratéras flammejantes e sangrentas De paixões, sobresaltos e delirios Que em nossos corpos ancestraes soffremos! Chamma que nos queimou; dor abrazada Que o Tempo diluiu, como a Distancia Esfuma em luar, esbate em madrugada, O teu fogo terrivel, Sol ardente!

São grandes soffrimentos d'outros tempos, Quando eramos raiz e tronco d'arvore E monstro horrendo e homem primitivo, E seiva o sangue rubro e os ossos marmore! Dôres que em nosso coração lampejam! E ei-lo que treme; e, surprehendido, scisma N'essas dôres longinquas que inda o beijam Com uns labios de sombra e de phantasma! Tristezas que se occultam no que existe
De mais confuso em nós, de mais distante!
Pois toda a dór soffrida n'outros tempos,
Ensombra nossa carne palpitante!
Não ha dór que se apague; nem ha voz
Que emudeça; nem lagrima que enxugue.
E o que o Homem soffreu antes de nós,
Nimba de dór remota a nossa alma!

A lagrima primeira ainda scintilla:
E' gotta d'agoa eterna... é um mar sem fundo...
E os meus olhos inunda; e atravez d'ella
E' que eu contemplo a Vida e vejo o Mundo.
E o grito primitivo ouve-se ainda;
Como atravez um sonho nebuloso,
Repercute-se ainda em nosso sér
Que vibra e que se torna harmonioso.
Sempre que canto e rezo, elle perturba
Minha voz que se altera... agoa de som
Deslisando revolta, escura e turva
Em meus profundos labios silenciosos...

E ha de tambem repercutir-se a nova
Dôr sem fim, na futura e grande Edade,
Para que esteja em cada sêr humano,
Sempre presente a dôr da Humanidade!
Para que estejam presos, sempre unidos
Os homens do Passado aos do Presente
Pela mesma infinita e santa dôr
Que se prolonga e cresce eternamente...

O' longinquas tristezas que subindo Do fundo do Passado, ennevoaes Meu coração que lembra árvor perdida Nos crepusculos érmos e outomnaes... Ai, já o meu espirito toldaram Os densos, negros fumos que subiram Dos incendios que a Terra devoraram Lá no seu tempo limpido de estrella! E sinto em mim a nuvem trovejante Que ainda hoje escurece a luz do sol; E que, n'um dia tragico e distante, Subiu das agoas fundas do Diluvio...

Dae-me a visão de tudo o que passou,
Sombras da dôr passada! Allumiae-me
Esse caminho escuro que trilhou
Meu sêr desde o Principio, desde a Noite...
Allumiae-me o poço que eu cavei
Em mim proprio, cortando sem piedade,
As fórmas ancestraes por que passei
E que ficaram, sim, em carne viva!
E ha lagrimas e sombras doloridas
No fundo d'esse fundo poço humano,
A sangrar, como as furnas denegridas
Que são golpes da terra...
E lá do fundo,

Meus olhos vêm subir confusamente, Um nevoeiro de vozes e de lagrimas, Que se desenha, ao longe, vagamente, N'uma floresta de almas e de corpos... Negra floresta ondeante e caminhante Que de mim se approxima, n'um rumor, Gesticulando ao vento espiritual Da Origem, vento pallido de dôr...

Sópro de luz na Nevoa e no Mysterio...
Sópro de vida organica nas agoas
Que tombaram, n'um dôce refrigerie,
Sobre o perfil da Terra todo em cinzas...
E foi depois, um temporal tremendo,
Alevantando as agoas do Diluvio;
A vida sobre os mundos accendendo
E o clarão das estrellas apagando...

E depois, feito sonho que floriu, Sobre as agoas do mar, foi mão divina Que em seu marmore verde, inquieto, abriu O corpo esbelto e tremulo das ondas.

E n'uma alegre e lucida volupia, E n'um dado gesto de ternura, Dos corpos viridentes das florestas Ergue e torneia seios de verdura...

E os aridos desertos faz vibrar, Em fulvas ondas rythmicas de areia, Que, na paz do silencio e do luar, Têm sussurros e vozes como as agoas... E nos lembram as ondas de harmonia Em que se espraia um verso... em que se espraiam A esperança, a tristeza e a alegria;
E, emfim, a Creatura, onda sagrada,
Que, ao sópro d'esse vento, se prolonga,
Entre rochas, hostis e contrafeitas,
Em novas ondas cada vez mais nitidas,
Cada vez mais irmás e mais perfeitas...

Mas o bosque phantastico se eleva, E approxima de mim; e a sua sombra Augmenta, e se confunde com a treva...

E já quasi me cerca, e me suffoca...

E eis que perco os sentidos; e me afundo Em Nevoa e Sombra; e vagamente vejo, Para além d'esta luz e d'este mundo, E d'esta noite lóbrega e soturna: Vejo uma pequenina e clara fonte De lagrimas, nascendo, n'um murmurio Que ennevoava de vozes o horizonte D'esses primeiros olhos que se abriram A' primitiva luz, que em seus delirios, Desprendia, no espaço, as loiras tranças, N'uma chuva de rosas e de lyrios, Molhando de alegria o proprio mar!

E a fonte, fio de agoa, mal chegava
Das palpebras á face... E foi crescendo,
E engrossando, conforme se alongava
Esse valle de lagrimas humano...

E aquella agoa baixinha e mingoada, E' já dôce ribeiro adolescente, Sem trevas, sem enigmas e mysterios; Agoa ainda donzella e transparente.

E o limpido ribeiro cresce e augmenta. E é já rio profundo, negro pégo; Agoa sinistra e livida que lembra O olhar parado e extatico d'um cégo.

Agoa que sente já no coração A dôr dos afogados! O' gelada Agoa escura de syncope e de morte, Em seu leito insondavel desmaiada!

Agoa que leva, em ondas referventes, Creancinhas nos berços a boiar, Fugindo na corrida das enchentes, E que julgam que é mãe, inda a embalá-las! Leva tectos de casa e troncos d'arvores, E homens mortos e mortos animaes; E a vermelha e fecunda flór da terra Que abre, á luz, em vinhedos e trigaes. Leva tudo o que, emfim, as grandes agoas, De seu leito sereno trasbordando, Arrastam, n'um delirio, para o mar Feroz, que vae os montes devorando!

E esse rio de lagrimas é já
Braço de mar barrento e denegrido...
E, cheio de cadaveres e destroços,
Perde-se, emfim, n'um tragico ruido,
N'um largo gesto de ondas e de espumas,
N'esse mar sem limites e sem fundo
Das lagrimas de dôr que, desde a Origem,
Os homens têm chorado sobre o Mundo.

E vi a clara fonte pequenina, Pouco a pouco, mudar-se em oceano; E o phantasma de nevoa que avoeja Ao longo d'esse fundo rio humano...

O' rio humano ancioso, insatisfeito, Que desejas mudar teu leito gélido, De seixos e de areia, n'outro leito, De virgens nebulosas e de estrellas!

E perdi-me na Nevoa que envolveu Meu coração; e n'ella me afundei... E já não via a terra nem o céo; Mas pude vêr confusa e vagamente: Nostalgias de nomadas perdidos Em selvaticos bosques; sobresaltos! Férreo ruido de armas e alaridos De tribus acompanhadas, alta noite, Em territorio hostil...

Religioso
Medo das trovoadas e relampagos
Que se gravam, a fogo, no brumoso
Marmore azul raiado de vermelho!
Onde nuvens pesadas se alevantam,
Como sombrias rochas de granito
Que, na Distancia livida, parecem
As columnas ondeantes do Infinito!

O' deus incendiando os horizontes! Deus abrazado em raivas destruidoras, As arvores rasgando de alto a baixo, Como se acaso fóssem peccadoras!

Pallidez do Luar nos arvoredos, Povoados de espiritos maleficos; De sombras, de phantasmas e segredos, Derramando um terror secreto e vago...

O' silencio da Noite! O' paz da Terra!

— Silencio creador de estranhas vozes
De terriveis e occultas divindades!
— Paz creadora das luctas mais ferozes,

Travadas entre sombras e phantasmas! E ha rugidos de raiva, e convulsões De agonia, nas trevas que sepultam Sombras mortas e pallidas visões!

Terror das Pythonisas, em delirio, Sobre os tumulos brancos que desmaiam A ondulação fluidica da noite... E seus olhos propheticos se espraiam Em luminosidades que alvorecem, E se embebem n'um morto e lhe dão vida; E animam as estatuas, e endurecem Os suspiros, as lagrimas e os ais!

Terror de Jéovah, quando o deserto, Em turbilhões de poeira esvoaçando, Envolve as longas, êrmas caravanas... Poeira que sobe, em fogo architectando As nuvens trovejantes e abrazadas, Que pairam sobre as fragas do Sinai, Onde o estrondo das fortes trovoadas, E' a voz de Deus prégando, accèso em ira!

Sacro terror do Augure, contemplando O incerto vôo das aves que descreve Enigmas e mysterios no ar extatico...

Chovem sombra e silencio sobre a neve...

Terror dos sonhos maus e pesadéllos Que, sendo fumo, nuvem e illusão, Nos pesam sobre o peito que se opprime, Até que nos esmaga o coração!

Medo entranhado em nós! Medo ancestral A qualquer sombra humana inesperada! E mesmo á branda sombra vegetal Que tem seu fructo e flór; seu tronco verde...

Negro terror de invocações nocturnas Aos deuses infernaes! O' castidade E branca luz de Diana que no Inferno, E' temivel e horrenda divindade!

Terror da mulher grávida a gritar, Trez vezes, por Hecate, á meia noite! Santo terror do ventre que vae dar A' luz, em nova Fórma, um novo Espirito!

Terror da Nubelosa que se sente
Já grávida de Deus! Terror divino!
Terror materno e fundo da semente
Que se entreabre, e cresce, e vae ser arvore!
Já seu caule futuro ella adivinha;
Seu alto tronco e ramos verdejantes...
E o nevoeiro de aves que, á tardinha,
A embriagará de cantos e de vôos!

Santo terror de Mãe que soffre e chora Por um filhinho que, em seu ventre, é ainda Um nada, um fumo, a aurora d'uma aurora! E já por esse nada o que ella soffre!

Terror da Creatura ante o mysterio Que a torna Creadora!

O' medo á Noite, E ao Luar a caír n'um cemiterio, Onde ha resurreições desconhecidas!

O' medo dos meus olhos que já vistes Fundos ribeiros onde as Bruxas riem, Patujando na agoa!

O' Bruxas tristes,
O' Nymphas fulminadas e maleficas!
Formosa, humilde e pallida donzella,
Toda vestida de roupagens brancas,
Que, á meia noite, surges, qual estrella,
Em certa encruzilhada êrma e sombria...
E quem por alli passa, algum viandante,
Julga-te extraviada, e te sorri
E deseja falar... mas, n'um instante,
Em grande vento, o levas pelos ares!

O' ninhada de porcos que uma cabra De noite, em sitio êrmo, anda a guardar! E um vento de arripio e sobresalto Sopra; e parece vento a luz do luar...
E na visão phantastica e macabra,
Mossos cabellos hirtos se arripiam,
Quando tu, n'um estrondo, ó negra cabra,
Foges, deitando lume pelos olhos!

E um cheiro acre de enxofre, pela afflicta Sombra do ar, se espalha, emquanto a Noite, Com as Dôres do parto, geme e grita, Ao dar á luz Visões e Apparições!

O' procissões que os mortos, nas Egrejas, Fazem, de noite! E levam érmas luzes, Em seus hombros de nevoa supportando Andores de penumbra, e altas cruzes De fumo, e um Pallio aberto de illusão...

E ha nevoeiros de incenso no ar calado. Toldando um Christo livido e phantastico, N'uma cruz espectral crucificado!

O' cruz feita de treva, onde agonisa
Um Christo, sob os olhos lacrimosos
Da Noite, Virgem Mãe, toda de luto!
O' grande Sombra martyr! O' brumosos
Olhos postos no céo! O' corpo exangue,
Corpo de nuvem, torturado e afflicto!
Pés de penumbra em sangue! O' mãos em sangue!
O' Redemptor estranho do Crespusculo!

O' invisiveis mãos feitas de neve, Que nos pousaes na face! O' Solidão! Luzes mysteriosas entre as arvores, Fórmas brancas que andaes na escuridão! Passos nos longos, érmos corredores... Luzes da Noite e vozes do Silencio... O' aflorar dos gélidos suores! O' Panico em orvalho! O' Medo em lagrimas!

Vozearia do Vento! Érmos ruidos Que a face do Silencio golpeaes... E em desalinho pondes seu cabello, E seus olhos de sombra ennevoaes...

O' chuva triste e miuda! O' raios liquidos Do mar, sol de agoa enorme!

O' triste vento,

Preso das nuvens, arvores, de tudo, Como um limpido e santo Pensamento! E gottas de silencio e de penumbra, Vão nossas fórmas vivas diluindo Em materia invisivel que se alumbra E incendeia depois em claro espirito!

O' medo ás almas do Outro Mundo! O' medo, O' panico gelado, ó medo agreste! Como ainda meu corpo sobresaltas, Se te bebi no leite e, se vieste

No sangue que percorre as minhas veias, Com velhos soffrimentos já passados; Com o terror dos naufragos, e assim De emparedados, martyres, condemnados!

— Sangue feito de brumas e distancias, De trevas, e de luz, e de incertezas! — Leite divino e magico onde dormem Martyrios, anciedades e tristezas! Sacros, fundos terrores religiosos, Visões do negro Inferno e céo ethéreo! E o terror abysmatico e sublime, Sagrado e sempiterno do Mysterio!

O' nevoeiro de dôres já soffridas,
Sobes do mais profundo do meu sêr,
E perturbas minha alma que se vê
Declinar como um sol, e anoitecer...
Sentindo-se mais forte e solidaria
Com toda, toda a humana multidão
Que antes de mim viveu, e que é tão grande!
E cabe dentro em ti, meu coração!

O' justiça da Dôr! O' dôr activa!
Estranha Redempção! Mysterio! O' dôr
Que vaes ligar a minha carne viva
Aos esqueletos, tragicos, desfeitos!
E prendes os meus olhos palpitantes
Ao pó dos olhos mortos, cinza escura,
Por um fio de lagrimas sem fim!

E has de unir a primeira creatura Ao derradeiro sér, ó Dór perpetua! A derradeira luz á luz primeira; Ao primitivo amor o ultimo amor, E a primeira esperança á derradeira!



# Apparição

Apparição é luz inesperada Que, em nós, se faz mysteriosamente; Interior e mystica alvorada

Que trespassando os olhos, de repente, Se reflecte na terra e mais no céo, E nas fontes que choram como a gente...

Por isso, a claridade que nasceu Dentro de nós, se torna exterior, E parece caír do azul do céo.

E todavia, vem do nosso amor Que, ante nós, por milagre, se condensa Em corpo, e fórma viva, e viva cór. Ah, tudo o que se sonha e que se pensa; Todo o nevoeiro d'alma que anda errante Em nossa funda solidão immensa;

Todo o espirito ethereo e penetrante Em que envolvemos tudo quanto amamos, Sobre este mundo fragil e inconstante;

E tudo o que soffremos e odiamos; Toda a bruma de sonho e de belleza Que nós, agoa sensivel, exhalamos;

Toda a lucida fé, baça incerteza; Lagrima que é, n'uns olhos, alegria: Riso que, á flor d'uns labios, é tristeza;

A Essencia que d'um corpo se irradia; Emanação de Deus que se alevanta Como a nevoa d'um valle, ao fim do dia;

Aureola espiritual e sacrosanta, Fundo de luz divina onde apparece Todo o perfil, ou d'arvore ou de Santa;

O que de sonho e nuvem transparece Atravez nossa carne dolorida, De noite, em sitios érmos, nos empece! E o que é nitida luz e clara vida, Que panico nos faz, e que pavor! E' sombra para nós desconhecida...

E' livido phantasma o nosso amor Que, ao irmos atravez da Solidão, Passa por nós, na noite negra, horror!

A lagrima que sáe d'um coração Evapora-se; é branco nevoeiro, E' sudario, phantasma, apparição!

E' tudo apparição, desde o primeiro Homem que viu a Luz extasiado, A' estrella do pastor sobre um outeiro!

Todo o corpo é phantasma que, ao sol nado, Toma aspectos de clara realidade Ao nosso louco olhar allucinado!

A creadora e santa Claridade, Todo o espirito envolve em fórmas puras; E eis arvore e rochedo o que é saudade...

E tu, sussurro estranho que murmuras, E deslisas na noite; e vaes correndo Atravez de invisiveis espessuras, Mal a luz principia amanhecendo, Es ave ou folha ou ramo ou vento ou fonte; És fórma que se esboça, e vae crescendo...

E quando o Sol acima do horizonte, Tem a maxima força de illusão, E brilha a prumo sobre a minha fronte,

Parece erguer do Nada a Creação. E mar e serra, e rochas e arvoredos, E' tudo mysteriosa apparição!

E eu mesmo, para mim, tantos segredos Encerro, que meu corpo aos olhos meus E' como, á noite, a fórma dos rochedos;

E' como, à noite, as nuvens pelos céos! E' phantasma e penumbra e fumo errante, Manchando a face limpida de Deus!

Ahl todo o corpo é tremulo, hesitante! E tudo quanto amamos e abraçamos, Sempre de nossos braços bem distante!

Desde a tenrinha face que adoramos A' definhada mão que, de joelhos, A ultima vez, em lagrimas, beijámos; Moças estrellas, frios mundos velhos, O mar, a terra, os claros orientes; Incendios da manhã, poentes vermelhos,

Só em vagas imagens transcendentes, Illusorias talvez, e que, em segredo, Em nós se infiltram pallidas, trementes;

Só em fórma de nevoa, um arvoredo Nosso espirito alcança; e assim qualquer Cousa ou Creatura; ou homem ou rochedo.

Ah! só assim os poderemos vêr! E não directamente, rosto a rosto; Por isso, o que nos mostra o sol a arder,

Nos deixa na alma um intimo desgosto; Uma duvida escura, uma incerteza Que envolve o mundo, ás horas do sol posto!

D'onde vem, coração, essa tristeza? Porque estranhas assim o natural. Tu que és, como uma flôr, da Natureza?

Porque geraste a Creação ideal; E foste além de ti, e te excedeste; E um novo mundo sobrenatural, l' Comme sanime, concrisere! Les 1 trese materne l'esse numér. Espesse un manie implife e celeste!

Person e um e umplum munio! Le rrus cumum promis. I mae sis cue sa carpe mechanio.

Van e de mera e poira edificado: Vem e sea minute Francesso Le sampunarens astros constellado!

E' si inz de Alma; è sò Deslambramento; Bezinnos e Graça e ethereo Alvor... Mimos que sez e messo Pensamento. Para n'elle vivernos em amor.

#### A Sombra do Awor

N'um val tão êrmo e só, Que dir-se-hia que o Silencio alli nasceu, E a Solidão, sua velhinha avó, E a Distancia que tudo em sombras envolveu...

(Do Sempre.)

Na minha terra existe um desolado Logar, e d'uma tal tristeza humana, Que parece lembrar-se do Passado; D'esses tempos remotos em que foi, (Quem sabe?) carne viva e sangue vivo, E martyr coração e olhar em lagrimas! E inda invoca seu tempo primitivo; O que amou, o que viu, o que soffreu...

E n'este sitio triste, ouve-se, à noite, Uma voz que se queixa; voz dorida De alguem que tanto amou, que nem a morte, A propria morte o libertou da vida! Voz de alguem que morreu, quando inda amava; Voz de saudosa e mystica donzella, Que anda a pairar na cerração da Noite, Como um canto perdido ou luz de estrella! Voz de cinza e penumbra, voz dormente... Espectro de donzella enamorado Que nas noites de lua, vagamente, Surges da sombra pallida das arvores... E trazes o cabello em desalinho... E dir-se-ha que tua voz é o luar, Tão brando o teu queixume, e tão mansinho Illumina as folhagems de tristeza...

Mas nas noites de vento e de demencia, Quando saudade rustica te rasga As entranhas de sombra e de apparencia, Gritas, e o vento é tua propria voz! E a chuva tuas lagrimas, e a treva E' teu amor que os ares escurece, Depois de denegrir teu coração Que, mesmo em cinza e pó, inda estremece! E de fechar tents olhos, e gelar Os teus labios n'um beijo que não déste! Beijo que anda, em teus labios, a chorar Sua esterilidade e triste sorte!

O' mystico Phantasma! O' Sombra etherea, Inexoravelmente presa ao mundo, A esta dôr, esta vida, esta miseria, — Que me importa que sejas nevoa ou fumo, Se é mais sensivel, sim, tua poeira Que minha carne viva e dolorosa; Se tua dôr é, talvez, mais verdadeira, E mais sem fim que minha propria dôr!

Sou corpo, e tu és sombra. E meus ouvidos Ai, comprehendem bem as tuas queixas Pelas noites de lua... e os teus gemidos Pelas noites de frio e vento e chuva!

E sob o céo chimerico e nocturno, Tu não me fazes medo, como áquelles Que fogem d'esse sitio érmo e soturno, Onde anda a tua voz a lastimar-se... A tua voz apenas, pois teu corpo E' um ar quasi invisivel... E beijar-te Seria dar um beijo n'uma nuvem, E abraçar uma sombra o abraçar-te!

Mas esse ar de tal fórma me deslumbra
E em mim se infiltra, que todo eu me sinto
Já tão cheio d'esse ar, d'essa penumbra,
Que me afundo e dilúo n'um nevoeiro;
N'uma tal cerração, tal noite negra,
Feita de auroras mortas, mortos dias,
— Que até nem sei onde meu sêr acaba,
E onde é que tu, Phantasma, principias!

'Este espirito triste que em mim chora, Será tua érma sombra, por ventura? Qual a barreira ideal que me separa De ti? Quem sabe lá? O' noite escura! Onde a raiz acaba, principia A terra; e assim onde termina um ramo O céo asul começa e a luz do dia; Arvore, céo e terra se confundem. Em raiz escura se prolongura terra E em verde ramo o céo se continúa: Um valle vae subindo e, emfim, é serra! A fonte vae chorando e, emfim, é mar!

Tambem tu és, ó peère sombra triste, O meu principio ignoto e ignoto fim; Pois se meu corpo no teu corpo existe, Vive, em meu sêr, teu pallido crepusculo!

E que medo tu causas aos nocturnos, E tristes viandantes que te vêm, Pelas noites de lua, em sitio êrmo! E na terra sósinha, sem ninguem, E na noite que sonha e romureja, Seus cabellos eriçam-se! e n'um impeto, Fogem, gritando por alguem que seja, Como elles, d'esta vida e d'este mundo!

Loucas gentes que não comprehendeis
O que ha em vós d'aquella morte! E assim,
(O' cegueira infinita!) não sabeis
O que ha n'ella tambem de vossa vida!
Por isso, tendes medo; e eu não, eu não!
E sinto errar em mim aquelle espectro,
N'esta profunda e viva solidão,
Como sangue invisivel que sustenta
Meu coração que bate anciosamente!

E vejo bem quanto ha de minha carie · N'essa poeira; e de meu sangue ardente N'esse corpo de nevoa e de crepusculo!

Aurea e dôce manhã de pura Resencia! Fórma cortada em noite; e coração Aberto em luz.

O' corpo de apparencia, E espirito de clara realidade! Surge-me rosto a rosto, entre o arvoredo Que medita ao har, e nos traduz Uma saudade, um intimo segredo, Um vago anciar crepuscular da terra!

Apparece-me a mim; nada receies; Pois se me sinto irmão dos que são vivos, Tambem me sinto irmão dos que morreram, Das pedras e dos montes pensativos.

Embora eu seja ainda d'este amor; Meus olhos d'esta luz; e meus ouvidos D'este som; e minha alma d'esta dôr; E embora a carne viva cubra ainda Meu esqueleto tragico e funéreo, — Sinto-me quasi independente e livre D'esse péso carnal que um cemiterio Muda em levesa candida de nuvem!

Eis a razão porque a caveira ri, Já livre d'essa tetrica espessura Que dolordeamente a suffocava,
Com suas mãos crueis de noite escura!
E lhe estorvava essa intima tendencia,
Funda tendencia essencial, herdada,
Para o marmore pacifico que lembra
A Beatitude em pedra eternisada!

Sempre que eu ande n'esse sisio só,
Onde ha pinheiros tristes è uma ervinha,
Tão rasteira e amarella, que faz dó
Vê-la assim com os labios abrazados
E o coração ao pé, n'um latejar
E n'um anciar febril que não descança,
Sob um azul de fogo, sem ao menos
Uma nuvem—essa agoa inda esperança!
Quando eu andar por esse sitio êrmo,
Onde é sempre soitinha e frio outomno,
E onde ha um luar magoado e um ar enferme,
O' Sombra branca e mystica, apparece-me!

Vago perfil de lagrima e luar!
O' penumbra de luz e commoção!
O' voz d'uns labios desprendida! Olhar
Sem olhos que o limitem e anoiteçam!
O' ouvir sem ouvidos! Noite accésa!
Fórma livre de corpo transitorio,
Mas presa ainda, fatalmente presa
Ao amor, á saudade e á propria vida!

Minha irma pela Sombra e pela Nevoa, Ahl como sinto e chóro a tua sorte! Se tu és meu amor, minha saudade: Ante visão espiritual da morte!

Lyrio espectral que em sombras se desfolha, De que te serve amar! Olha teus labios; São luz crepuscular. Teus braços olha; São fumo. E que é teu corpo! E' sombra e nevoa!

Mas Desejo humano dimponderavel Chamma viva que nunca se apagou! Arde mesmo depois de cair em cinzas, O tronco que, n'um lar, a irradiou.

E por isso o Desejo te incendeia.
O rosto de penumbra; como abraza
Teu seio em ondas que, ao luar, ondeia,
E teus olhos extaticos de sombra!

E na mudez chimerica da Lua, No silencio da Terra e do Infinito, Internamente se ha de ouvir a tua Estranha voz chorar e lastimar-se! Voz diluida já na voz das cousas! Voz feita vento, e nuvem, e lampejo De sol! Eterna voz do eterno Amor; Voz das Agoas, do Fogo e do Desejo! O' Essencia de tudo quanto-existe! Por ti, cantam as aves, e a manha Injecta sangue virginal na Terra!

» Por ti, nasces Jesus, Orféo e Pan!

Por ti, brame o leão e ruge o tigre!

Por ti, chora o luare e brilha o raio!

E brigando nos campos, mugem touros,
Sob o sol genesiaco de Maio!

E tudo vive, e acorda do marasmo
Da originaria inercia imperturbavel!

E de cantar com tanto enthusiasmo,
Caem mortos, na agoa, os rouxinoes!

Por ti, o pollen desce alegremente Aos calices extaticos e abertos, Que recebem o germen transcendente D'uma adoravel multidão de flôres!

Por ti, o mar delira, e a fonte chora!

Por ti, se torna nuvem a agoa clara; E o orvalho os seios abre á luz da aurora, Estonteado de bruma e de volupia!

Por ti, ha cousas altas, invisiveis...

Por ti, as aves fazem os seus ninhos \* Em ramos que, por mais inaccessiveis, São para vós, ó aves, sempre baixos!

. :

Por ti, Desejo, os seios da Mulher (Fontes de vida e amor, sagradas fontes) Se dilatam, e crescem, e arredondam, Como o corpo das ondas e o dos montes!

Por ti, os môchos piam; e ao luar frio, No céo marmoreo, esculpem vôos sinistros... E o sapo, nos crepusculos do Estio, Cantando, evoca o Pallido, o Remoto...

Por ti, Desejo puro e sublimado, O sol pagão entristeceu, tornando-se Frouxa luz macerada, alvor magoado Que é hoje um luar de nuvencia-de lagrimas...

Por ti, Apollo é um deus já quasi mystico...
Luz de joelhos; sol rezando absorto.
E o grande Pan se coroou de espinhos
E chorou sangue e lagrimas n'um Horto

É Venus Dolorosa, Mãe das Dôres, D'um negro véo cobriu a branca face!

O' Venus da Afflicção e dos Amores, O' Venus da Tristeza e da Alegria! E seus o**îhos** de sol, ei-los que choram! Vêde-lhe o branco seio trespassado Por sete espadas, que primeiro foram Sete raios da estrella da manhã!

Por ti, Desejo mystico, deixaram Lagos, fontes e sacros arvoredos As Nymphas que esta mundo povoaram, N'essa longinqua e santa Edade de Oiro!

Por ti, escreve o Poeta e o Santo reza... E a Sybila delíra em negros antros!

Por ti, na Hespanha, foi Santa Thereza, Em teus olhos, ó terra, olhar celeste!

Por ti, Desejo, sol é resplendente; E o mar é verde, e claras as estrellas... E em volta d'uma estrella anciosamente, Vertiginosamente a Terra gira!

Por ti faz sol, e chove, e venta, e neva!

Por ti, existe a Côr, a Fórma, a Luz E o Invisivel, o Incolor, a Treva:

Por ti, voltam ao mundo os proprios mortos!

# fi sombra do que fui

Quando sáio, de noite, e vou sósinho Entre o arvoredo, pallido, a tremer, Para afastar as sombras do caminho, Levo, nas minhas mãos, um facho a arder!

E a Noite, em sobresalto, vae andando, Deante de mim, tão triste de figura! Emquanto minha luz vae debuxando Fórmas e côres na Distancia escura...

E as cousas que me cercam, vagamente, Nascem além, da Sombra, ennevoadas, Como se, por encanto, as visse a gente Na materia dos sonhos esboçadas. Nas margens do caminho, érmos pinheiros Erguem-se estremunhados e embebidos Em vagas anciedades... nevoeiros Que perturbam seus intimos sentidos...

E ao vento gesticulam... Vé-se bem Que desejam falar! O' voz infinda, O' voz ignota, estranha que ninguem, Ou Adivinho ou Bruxo, ouviu ainda!

E fico, attento e pallido, a escutar, Na noite que meu facho torna inquieta... E a sombra d'uma voz anda no ar, E em meus tristes ouvidos se projecta...

Alta e longinqua voz harmoniosa, Nevoeiro de som; voz d'outras eras; Confusa e estranha voz mysteriosa, Como o canto remoto das Espheras,

Voz que outr'ora em meus labios scintillou, Quando era terra funda ou tronco escuro Este corpo que a Dôr humanisou, Como a enxada suavisa o saibro duro.

E fico entrelembrado do que fui, Ouvindo aquella voz. E fico triste... E á superficie do sér afflue Tudo o que, em mim, de mais longinquo existe... E este meu sér presente, actual e vivo, Na sombra d'essa voz se diluiu... Minha carne fez-se humus primitivo, Meu tragico esqueleto empederniu!

Meu sangue de tragedia ardente e rubro, Mudou-se em clara seiva virginal; E minha dor se fez tarde de outubro, E o meu sonho infinito nevos astral.

Meus olhos se fecharam; e abriram Depois, a um novo mundo interior, Onde os sêres e as cousas se fundiram Em espirito apenas, e em amor!

E a Distancia, que lembra ethereo marmore, Onde todas as fórmas vão gravar-se, Ou de homem ou de rocha ou tronco de arvore, Era um nevoeiro de alma a alevantar-se...

Uma ascenção chimerica, infinita; Um fumo de anciedade e de tristeza, De sonho e de ternura e dôr bemdita, Que exhala eternamente a Natureza!

Vae-se perdendo em alma a Creação. Um sonho é sangue a arder que se evapora; N'um gemido vae terra, escuridão E perfume de flor e luz da aurora. Desde um incendio á nevoa aureolada, Desde as ondas do mar á luz dorida: Tudo vae n'uma lagrima sagrada, N'uma palavra terna e commovida.

Um ai, um grito, um riso, uma saudade, O canto genial do rouxinol;
Um extase, um enlevo, a piedade,
E' tudo feito de agoa e terra e sol.

Como as ondas do mar nos altoscéos, Toda a fórma se perde em nevoa etherea! E assim attinge o coração de Deus Nossa esperança, amor, dôr e miseria!

Toda a materia tragica, imperfeita Que existe e soffre e vive, por encanto, Faz-se espirito eterno, alma perfeita, Na fronte humilde e virginal do Santo.

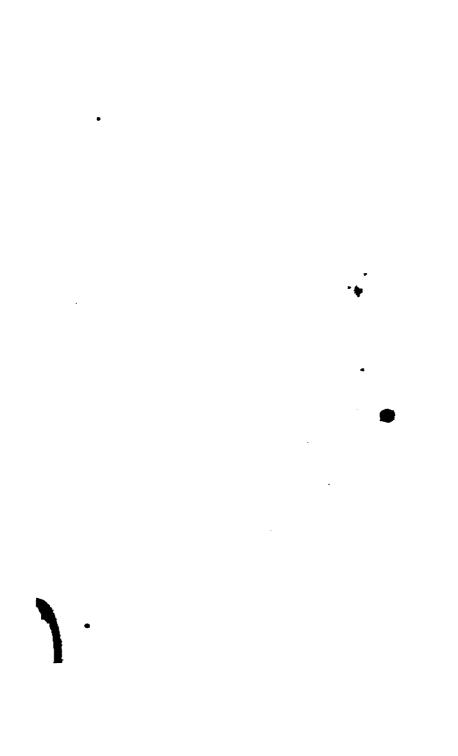
De seus olhos bemditos elevando-se; Subindo em sua voz que Deus escuta, Assim da lei da morte libertando-se Vae a materia triste e céga e bruta!

Vae subindo, subindo, radiosa N'um vôo sagrado, eterno, que deslumbra O Vidente, a Sybilla esplendorosa E o poeta humilde e obscuro da Penumbra. Assim sonhei na noite ondeante e escura; Noite de extase, enigma e exaltação! E o vento, em sua histerica loucura, Descia, e enraizava-se no chão...

E um tronco de poeira e de folhagem Turbilhonando, erguia-se no ar...
E os seus ramos cobriam a Paizagem,
N'um abril e constante bracejar!

E o facho a arder as trevas assustava! E com suas mãos de espectro, o doido vento Arrebatá-lo ás minhas mãos tentava, Mas efle ardia tragico e sangrento!

Num nevoeiro pallido de magoas, Erguiam-se sinistros e espectraes, E tão cheios de vozes como as agoas!



### Além Mando

De que é feita a Paizagem que avistamos Em sonhos?

De que é feito o nosso olhar? E a imagem que nas agoas projectamos, Onde vae nossa dôr, nossa alegria?

E a luz que ri? E a noite a lastimar-se?

a pobre sombra humana que parece
De nosso fragil corpo derramar-se,
Mas que dimana, sim, do nosso espirito?

E as saudades e as dôres que soffremos? E a Voz e o Som? E os olhos que nos fitam, Embora mortos já, quando descemos A esse mundo phantastico dos Sonhos?

O' passagem terrivel e abysmal! Momento extraordinario, quando ainda Temos um pé no mundo material, E o outro já no mundo dos Espiritos! Hora de transição mysteriosa, Quando a funda visão interior Se accende, mas ainda duvidosa; Ainda entre este mundo e esse além-mundo, Sem poder dominar completamente Nossa visão externa e cega e triste...

E assim, emquanto eu vejo vagamente . Meu quarto, a minha mesa de trabalho, Avisto, ao mesmo tempo, esses primeiros Contornos do Além Mundo, que se esboçam Em pallidos, remotos nevoeiros, Em confusas distancias de crepusculo...

De que é feito esse mundo extraordinario?
De que materia fluidica, impalpavel,
São esses arvoredos, claras fontes
Que deitam agoa etherea, imponderavel,
E animicas frescuras, e subtís
Nevoas de sonho e dôr?

De que são feitos Esses corpos e mysticos perfis Que meus olhos fechados sabem vêr?

O' terra que avistamos a sonhar! Lua, que em montes pallidos, se alumbra! Altas ondas de fumo que se espraiam Em areaes longinquos de penumbra! O' arvoredos vagos e ondeantes, Que, em nossos sonhos, surgem, como espectros De fórmas diluidas e distantes, Deixando um rastro trémulo de sombra!

O' rios de crepusculo, somnambulos, Que, intangiveis e ethereos, deslisaes, Entre filas de lividos salgueiros Que uma nevoa suffoca e orvalha de ais!

Fumo vago a elevar-se em altos caules, E a dividir-se em ramos e folhagem... O' sonho a desdobrar-se em horizontes E contornos nevoentos de paizagem!

O' rochedos chimericos de fumo! O' castellos de nuvens, ao luar, Onde trepam, balindo, cordeirinhos Que anda um saudoso Espirito a guardar!

O' agoa fresca e clara que murmuras Em meus valles de sonho! Intima fonte A regar nossas fundas espessuras Que se alegram; e, alegres, reverdecem...

Aves do céo que a gente vê, sonhando! Azas ethereas feitas só de vôos! O' corpos de anciedades, palpitando N'um crepusculo triste, onde sussurra Érmo vento espectral de sonho e nevoa, Que em nosso corpo vivo se insinúa, Trazendo, em suas azas, mortas flóres E claridades lividas de lua...

Sol que o mundo dos sonhos allumia!
O' luz crepuscular e nevoenta!
O' luz de encantamento e de magia,
Alta e longinqua luz a resplender
Sobre escuras paizagens espectraes;
Montes de nevoa e valles de penumbra,
Onde as cousas e os séres não são mais
Que brandas fórmas de luar remoto...

Mundo feito de sombra e claridade, Por onde ando de noite e até de dia! O' meu Refugio e dôce Soledade, Minha Torre de bruma e de silencio!

Como eu vos amo, estranhas Creaturas Que esse mundo habitaes! O' passarinhos Que sois nevoas, voando... Arvores tristes Já mortas, e já mortos cordeirinhos! E meus avós, e meu irmão! e quantas Fórmas vivas e amadas, que esse andar Do Tempo consumiu, pulverisou, Assim como consome o nosso olhar O contacto fatal e permanente Das imagens que as cousas irradiam; E como gasta as rochas o absorvente, Longo bater das ondas incançaveis!

O' minha santa Avó, que vens d'além D'este mundo de morte, visitar A terra dos meus sonhos, — vejo bem Que teu corpo divino é simplesmente Uma nevoa, uma aureola esplendorosa Que me contempla e fala...

Quantas vezes,

No silencio da noite religiosa,
Os meus labios procuram suas mãos
Para as beijar... mas, ai, logo se afastam,
Como réstea de sol ao declinar...
E na tristeza pallida da ausencia,
Meu triste coração fica a chorar...

Rosto amado que tanto me enterneces!
Rosto de nevoa, espirito e crepusculo,
Porque será que ao vêr-te, me pareces
Mais alegre e mais vivo do que em vida?
Em que nova materia te encarnaste?
Tu, que morreste tremula e velhinha,
Como flor que se inclina sobre a haste,
Appareces-me agora linda e nova!
E que serenidade tens no rosto!
Que expressão de ternura e de bondade,
Quando, em sonhos, me falas e abençõas
E foges n'uma branda claridade!

O' rosto claro, eterno, emarchecivel, Tão nitido e tão vivo! e ao mesmo tempo Tão longinquo, e chimerico e intangivel, Como a sombra do ar sobre este mundo!

E eis meu Irmão que surge; e ao lado d'elle, Tudo o que amei, e a morte foi levando... Ouço-lhe os passos leves, como os passos D'uma sombra que foge...

E vae andando
Atravez d'uma terra que se alumbra,
Onde é nevoeiro a agoa, e fumo as arvores...
E as estrellas são gottas de penumbra
Em altas radiações de Pallidez...
E as flóres são perfumes; e os rochedos
Um peso de nevoeiro... E um vento forte
Perturba um largo e escuro céo phantastico,
Para onde tudo vae depois da morte...

Mas ha momentos, sim, em que esse mundo Adquire a nitidez e a realidade Da lagrima, das pedras e do fogo!

E ei-lo que surge à luz da Eternidade... E o vémos com os olhos, e o tocamos Com os dedos de nosso corpo astral Que, no instante profundo, em que sonhamos, Toma relevo e fórma...

E' o corpo ethereo Que nosso corpo bruto e ponderavel, Soffrendo, desejando, estremecendo, Irradia no espaço imperturbavel, Onde o mundo dos Sonhos voa e erra...

E então as Creaturas que o habitam São vivas como vós... E a luz do dia E' mais clara que o dia d'este mundo, Mais feita de esperança e de alegria. E as côres são mais nitidas ainda Que o vermelho da rosa...

E o Firmamento E tudo, é mais visivel que o perfil D'uma arvore ou rochedo, quando o vento, Atravez das planicies e dos montes, Os ares purifica, colorindo E retocando os érmos horizontes Que as distancias brumosas enodôam...

Ah! n'essa hora de Sonho e de Visão,
Sentimos que habitamos outro mundo
Que, para além da noite e solidão
Da terra, paira em céos espirituaes..
E que além d'esta carne contingente
Que nos cobre estes ossos de miseria,
Outra existe mais alta e transcendente,
Para onde foge e emigra o nosso espirito...

Esta vida é mais ampla do que a vida Que julgamos viver! E este Universo Não é mais do que um ponto de partida, Um material crepusculo do Espirito. Sómos fontes de vida, e nada mais! Sómos o Fumo, a Nebulosa, a Origem; Uma arvore que dá seus fructos d'alma, Sendo a materia, as trevas, a vertigem! Sómos sómente a neve, e não o Frio; Sómos o fogo, e não a Claridade. Sómos onda do mar que se desfaz Em nevoa de Infinito e Eternidade...

Mas, ai, não sômos, não, esse Infinito Nem essa Eternidade!

Assim a flôr Jámais poderá ser o seu perfume, E o coração jámais será o Amor!

Mas todavia, em limpida visão
Interna, nós pudemos alcançar
O Espirito; e assim a terra fertil
Vê, dentro em si, o trigo a germinar...
E na Contemplação Espiritual,
N'essa Fonte de Vida, os homens bebem
Agoa de sonho e amor, agoa lustral,
Agoa de vida eterna e redemptora!

Ai, do que pensa que o Universo é apenas O espaço que se abrange com os olhos! Ai, das dôres, das lagrimas, das penas Que não vêm o que ha n'ellas de alegria! Ai, da flór que se vé, gélida e núa, Nas petalas findar! e não entende Que vóa, e se prolonga, e continúa Em seu perfume que enche todo o espaço!

Quasi todos os homens (triste sórte!) São como a onda do mar que só conhece O sôpro glacial do vento norte, E o seu bater de encontro ás penedias! Ignorando seu vôo liberto e claro, Sua ascenção de nevoa para a luz!

Ai, d'aquelle que vé no corpo fragil O limite da vida!

O' olhos nús, Érmos, ceguinhos, tacteando a medo A' superficie tragica das cousas! Olhos tristes e amargos que, em segredo, Choraes a negra noite em que viveis!

Ai, da ave que entende a voz do céo, E quer voar, e cáe desfallecida, E quer cantar, e fica muda e triste!

Ai, da ave que sonha, e além da vida Jámais as suas azas póde erguer!

Ai, da penna levinha fluctuando A' verde flôr da agoa, sem poder Sondar-lhe o seio virgem e fecundo! Ai, dos surdos e funebres ouvidos! E dos olhos sem lagrimas! Dos braços Definhados, inertes e cahidos! Ai, dos labios sem beijos e sem voz!

Ai, do tigre raivoso que, em seu peito, Sente a féra crueza que o incendeia, Que o esmaga, tortura e faz rugir!

Ai, do lobo faminto que vagueia
Sobre a neve, comendo terra e pedras;
Sob a cruel e ríspida nortada!
E o gélo lhe trespassa a magra carne,
Pela fome chupada e estiolada!
A tua vida é pobre luz escura
Que bruxuleia á mingoa de sustento,
Derramando essa treva de amargura,
Em que vives sem culpa e sem peccado!

O' animaes ferozes e ceguinhos,
O' animaes ferozes e nocturnos!
Homens ferozes! érmos e sombrios,
Corações sem ninguem, antros soturnos!
Onde ha silencio, dôr, melancholia;
Onde ha plantas damninhas...

O' janellas

Fechadas ao luar e á luz do dia! O' lares apagados, ai de vós!

#### Sombras

O' ruinas da Grecia, mais do Egypto! O' lagrimas de marmor celebradas! Esphinge de olhos postos no Infinito, Palpebras, para nós, sempre fechadas!

O' ruinas humildes de choupanas, De arvores, e de ermidas, e de ninhos! E mais tristes que vós, ruinas humanas, D'onde fogem, com medo, os passarinhos!

O' Sena, Eurotas, Tibre! Grandes agoas! Que à voz de Homero, de Hugo e de Virgilio Juntastes o clamor de vossas magoas... Pégos de drama e dor, margens de Idyllio!

O' meu Tamega obscuro, agoa dormente...
O' rio, à noite, a arder todo estrellado!
Agoa meditativa ao luar nascente,
Agoa coberta de azas ao sol nado!

O' pedra das Pyramides, famosa! Obeliscos, de pé, nos horizontes! O' pedra, ao vir do sol, harmoniosa, O' pedrinhas anonymas dos montes!

O' bocca do Vesuvio, êrma cratera, N'um vomito de morte e destruição! Montes da minha aldeia, ai, quem me dera Ser, como vós, de terra e solidão!

O' rochedos do Caucaso onde eu vou, Em romaria espiritual, rezar! O' fogo eterno que o Titan roubou, O' fogo humilde e brando do meu lar!

O' fonte de Castalia tão sequinha; Já reduzida a terra, cinza e pó! O' bocca das Cisternas, á tardinha, Mais o biblico pôço de Jacob!

Agoa! sangue dos valles e dos montes! O' fonte dos Amores sempre aos ais! Camenas, Siloé, eternas fontes, Que na Historia e na Lenda murmuraes!

O' minha fonte humilde erma e sombria, Que sentiste quebrar-se o fio ethereo De agoa, que tanto ao mundo te prendia! E em nevoa te afundaste no Mysterio... O' fontes a cantar nos versos meus! Agoa que ninguem bebe! O' agoa obscura Que, humilde, vae beijar os pés de Deus, E, humilde, veste as arvores de verdura!

Ah, mata a sêde, mata, aos passarinhos! A' poeira incandescente e á sêcca fragoa! E ás ervas, aos mendigos, e aos bichinhos; E mata a sêde, sim, á propria agoa!

A alma de Anachreonte rumoreja E brilha: é flór e aurora n'este Val... Aza immensa de sombra que avoeja Sobre este livro pallido, espectral!

O' versos de Camões, Virgilio e Dante! O' meu canto ignorado, humilde, incerto, Es a pégada que, na areia ondeante, Deixa, ao passar, o vento do Deserto!

O' versos pobresinhos e andrajosos Que, atravez dos farrapos, deixaes vêr A came exposta aos ventos invernosos, Quem tem pena de vós, para vos lêr!

Virginia, Heloisa, Ophelia, Mariana! Vossas queixas ficaram no ar sombrio. Vossos ais inda abalam a alma humana, O' corpos de neblina em fundo rio! Oliss or rios. Ophelia: elles tomaram

O talise de teu corpo. E a funda magos.,

E as campões que em teus labios se molharam,

Sác camos de nevoeiro em labios de agoa!

O Sapho, abre os teus olhos; anda vêr A curva que teu corpo descreveu. N'um desejo de abysmo, de morrer, Toda gravada a lagrimas no céo!

Olha, Virginia, o mar que se perturba E ergue em ondas que imitam teu cabello! Olha o mar, pelo inverno, d'agoa turva! Olha a neve a cair do Sete Estrello!

Leonor, Francesca, Ignez assassinadas, (E uma em seu proprio leito, cruelmente!) Gélidas, brancas sombras golpeadas Que deitam ainda sangue vivo e quente!

O' amantes eternas! Nevoeiros
De lagrimas que o sol nunca desfez!
Fumos de neve! O' sombras de salgueira;
O' lyrios de penumbra e pallidez!

Ao luar alto da Lenda, ó mortas flóres, Pela noite da Historia, vaguiae! Essa aridez de terra enchei de flóres, Essa terra sangrenta perfumae! Triste Menina e Moça que eu amei E que hoje és flor e aroma que se exhala, Ainda adoro, sim, como adorei, A tua sombra que me beija e fala!

Quanto mais para mim são os teus braços, Longinquos e moldados em perfume, Com mais violencia eu sinto os teus abraços, E os teus beijos de nevoa são de fame!

O corpo é que é penumbra e fumo vago; E a sombra é carne e sangue e amor fecundo! Ai, os beijos das sombras! O' afago, O' caricia que vens de além do mundo!

Contacto arripiante da Penumbra! Péso de nevoeiro suffocando Meu coração que, extatico, se alumbra, Junto a um seio de nuvem palpitando!

Labios de bruma que nos beijam! Dedos De neblina que tocam nossa fronte! Braços deitos de mortes e segredos, Cingindo-nos, qual nevoa um érmo monte!

Gemidos de crepusculo! Anciedades! Sombras de fumo aéreo e fugitivo! O' desmaios da noite! O' claridades! Sombra morta beijando um corpo vivo! Nupcias da Primavera com o Inverno! Casamento da Noite com a Luz; Da Morte com a Vida! O' sempiterno Casamento de Venus com Jesus!

.

#### A sombra da Noite

E sinto que outros sêres, Além de mim existem...,

(Do Sempre.)

De noite, quando tudo é nevoa e fumo: O corpo humano, a flôr, o tronco d'arvore... E na mudez lunar, a Voz adquire Fórma, relevo e pêso como o marmore.

E os murmurios, sussurros e alaridos, Que andam á triste flór da Solidão, Tomam corpo, perfil e gestos claros Na vaga, immaterial escuridão...

De noite, quando se ouve o germinar Baixinho das sementes, e o rumor Longinquo das estrellas e do mar, E a voz nocturna e pallida das cousas... Que nas trevas, que á lua reverdecem, A's vezes, sonham alto... e gesticulam, Somnambulas e vagas... e adormecem N'um somno de nevoeiro...

Ŀ

Somno aéreo
Que um halito de vento, por mais leve,
Perturba; um somno brando de ave ou flór;
Mais um estado de extase e de encanto
E profunda visão interior...

De noite, quando tudo é alma, e o céo Lembra o corpo de Christo ensanguentado... E os montes são Calvarios, onde as arvores Com seu longo cabello desgrenhado, De joelhos na terra, olhos no céo Orvalhados de luz, piedosamente, Enxugam as estrellas d'onde mana Sangue de vida e dor eternamente!

De noite, quando a treva nos deslumbra, E os nevoeiros do rio se confundem Com os sonhos que pairam na Penumbra, Alveiantes e aéreos...

Quantas vezes
Sáio de minha casa, e ando lá fóra
A interrogar as Cousas, e auscultando
As almas dos rochedos e das arvores
Que, ante mim, se alevantam, meditando...

E na mystica e santa Solidão, N'uma confusa voz crepuscular, Respondem-me... E bem sinto o coração, Para eu ouvir melhor, bater baixinho... Dir-se-ha que vae parar n'um dôce enlevo, Deixando caír meu corpo na dorida Alma funda da terra, onde se géram Nova esperança, amor e nova vida!

Quantas vezes, estou como esquecido Sobre os montes, na Noite que me envolve E me trespassa a alma, deslumbrando-a! E em nevoeiros e fumos a dissolve. E a Noite, á força de beijar meus olhos, Mysteriosamente resplandece, Como se fosse dia!

E vejo então,
Na neblina que os montes entumece,
Desenhar-se, ante mim, um novo mundo;
Estranho mundo povoado apenas
De ethereas Creaturas que me falam
E me contemplam tristes e serenas...

Ve-se que são eternas; e seus corpos Principiam na Essencia transcendente Em que os nossos terminam...

E este mundo

Terreno e material, sombriamente, No Incolor, no Invisivel se afundou...

E as arvores oscillaram e ondearam... E, quaes columnas tremulas de nevoa, Sumiram-ee no ar, e se apagaram... E as montanhas soturnas do horizonte, E os fundos valles e os rochedos nús; E fontes e ribeiros e oceanos, Tudo se diluiu na eterna Luz!

Quem sois vós, quem sois vós, ó Creaturas Que em meus olhos de cinza e de poeira, Viveis e palpitaes... e nem sequer Fazeis, andando, a sombra mais ligeira?

Quem sois vos, quem sois vos, estranhos Sêres, Que das Trevas surgis, perante mim? Quem sois vos, quem sois vos? Vinde contar-me Vossa origem ignota e vosso fim!

Este mundo é silencio? E alta harmonia Vosso mundo? Dizei-me o Verbo eterno, A palavra divina que allumia A sombra das Origens?

Sim; falae,

Creaturas dos homens creadores! O' eleitas da Luz e da Belleza, Que além de nós, viveis, em vossa clara, Espiritual e eterna natureza!

E disseram-me então:

Abre os teus alhos:

Que vés, poeta mortal? A noite negra Que teu corpo penetra, e dentro d'elle, Se transforma em luz limpida, e se alegra.

E cada sombra, poeta, que te mostra A face triste, amarga e tenebrosa,
Tem outra face que teus olhos intimos
Podem vêr; e essa face é luminosa.

E este Azul, d'onde o sol bemdito nasce, Por mais lucido e puro, é a parte escura Do Universo... e nós sómos a outra façe Feita de eterna luz; nós sómos luz. Vés esta fronte? é luz. Vés este corpo? E' luz. Vés este mundo em que habitamos? E' luz. Vés estas arvores? são luz. E é luz tambem este ar que respiramos.

Tudo é Beatitude, Amor, Candura, Deslumbramento de extase infinito!

Sómos a face eterna da Creatura, De que tu és, poeta, a face triste, Nocturna e dolorosa...

Mas bemdita Seja a profunda noite de que és feito; Pois essa noite que soluça e grita, E' a delorosa Mãe do nosso Dia! E bemdito o teu corpo miseravel, Pols d'essa carne afflicta e tenebrosa, D'essa escrava materia ponderavel, Nasce a Essencia divina que nos fórma!

Bemditas tuas lagrimas de dór!
Pois d'essa agoa tragica deriva
A Graça etherea, a Gloria, o eterno Amor,
A Alegria infinita em que vivemos!

E essas altas e eleitas Creaturas, Todas, deante de mim, ajoelharam... Vi mãos de luz erguidas para a Sombra, E corpos que, ante a Noite, se prostraram.

Vi olhos nos meus olhos, como irmãos: Labios de aurora abertos n'um sorriso, E collados n'um beijo, em minhas mãos Inundadas de trevas e de lagrimas...

Mas a Visão desfez-se...

E novamente,
Perturbado e confuso, eu avistei
A noite d'este mundo; e, sem saber
Porqué, ao pé d'uma arvore ajoelhei...
E a arvore estava em flór; e um golpe forte
De vento, fez vergar seus verdes ramos

٠ş٠.

Que beijaram a terra... E o vento norte Os tomou em seus braços, levantando-os... E a terra abriu os labios... e tambem, De commovida, terna e fervorosa, Beijou a Noite immensa, a Noite Mãe Que a trouxera no ventre, e deu á luz...



## Canção da Nevoa

Choram pelos meus olhos o Luar, Os Rios e as Montanhas...

(Do Sempre.)

Tristezas leva-as o Vento; Vão no vento; andam no ar... Anda a espuma á tôna de agoa, E á flôr da noite o luar...

Vindes d'um poito que soffre? De uma folha a estiolar? D'onde vindes, d'onde vindes, Tristezas que andaes no ar?

Effluvios, emanações, Saldas da terra e do mar, Sois nevoeiros de lagrimas Que o vento leva no ar... Suspiros brandos e leves De avesinhas a expirar; Érmas sombras de canções Que ficaram por cantar!

Brancas tristezas que sobem Das fontes que vão seccar! Azas de nevoa onde vôam Nossos olhos a chorar...

Saudades, melancholias Que o Poeta vae aspirar... Melancholias, tristezas Que o mundo exhala no ar!

E o Poeta salitario, Fica a scismar, a scismar... Todo embebido em tristezas Que o vento leva no ar...

Trespassam-lhe o coração; Enchem-n'o de alma e luar; Almas das cousas subindo, Fumo invisivel, no ar...

E o Poeta se transfigura, E é a Voz do mundo a falar! E aquella voz tambem vae No vento que anda no ar...

### A sombra de Deus

E' uma sombra de luz Nas almas projectada, Que torna cada cousa Espiritual, sagrada.

(Do Sempre.)

Aos meus olhos desceu aquella Noite Originaria; a Noite primitiva Que era o Mundo em espirito sómente, Verbo por encarnar em fórma viva, Em côr alegre e carne palpitante... Sonho, Amor, Esperança, Ether divino, Vaga Penumbra escura e fecundante, Que no abysmo do Espaço vagueava, Como invisivel fumo...

A Noite negra Antes de ser estrella e coração E a lagrima primeira...

Aquella Noite Anterior à Vida e à Creação;

. , . .

A' Saudade, à Tristeza, à Dôr, e àquellas Primitivas manhās... Manto de sombra Que em suas dobras escondia estrellas!

Noite maravilhosa que em seu ventre Dilatado, sentia germinar Um brazeiro de sóes, d'onde saíam, Como faúlas mortas a voar, Grandes lagrimas de agoa e pedra e terra!

A Noite anterior, primeiro estado Fluidico, invisivel da Materia: Um sentimento apenas; desmaiado Sópro de sombra, errante, no Infinito...

A Noite originaria que continha, Sob a fórma de nevoa, a Natureza; Sob a fórma de espetros, os planetas, A terra e a Dôr, as agoas e a Tristeza!

Aquella Noite universal de outr'ora, D'onde tudo descende, e que inda hoje, Em nosso corpo vivo, grita e chora, E em nosso coração é sombra pallida!

O' residuos da Origem, do Principio! Lódo que a fonte virgem da Existencia Depositou em nós; e se integrouEssa nossa carne e sangue, e propria essencia! Sons mortos, indecisos que ficaram Sem sentido, nos labios da Natura; • Cinzas que o Verbo eterno e creador, Para sempre, deixou na Creatura!

O' Noite que ainda és, em nossas lagrimas, Péso de agoa e de dór que as faz tombar! E na luz d'um sorriso és treva densa Que o combates, e tentas suffocar!

A Noite Primitiva que, em minha alma, E' dôr, imperfeição e confusão; E nas cousas é gélida dureza, Silencio, morte, inercia e solidão!

Noite ancestral que vela tristemente A limpidez do nosso olhar; e ensombra A estrella da manhã; e em toda a luz Põe nodoas de desanimo e de sombra!

Noite que a propria aurora empallidece... E immobilisa as rochas; e, n'um sôpro De morte, os nossos olhos anoitece! E brame no leão, ruge no tigre! E foi suor e lagrimas n'um Horto! Hesitação humana e miseravel!

Mão que tentou o Calix afastar,

E a frieza-ante a Mãe Inconsolavel!

O' Noite universal, Noite de horror; Mas Noite creadora, e Noite Mãe! Sinto-te bem em mim, na minha dôr, E nos meus versos, ai! cheios de sombra!

E vejo-te nos olhos da Mulher;
No perfume do lyrio nevoento
Que se eleva no Azul, errante e esparso,
Como um seu ideal desdobramento!
Pois todo o corpo se dilata e perde
Em nuvem, em phantasma, em sonho ethereo...
Brandas palpitações, soluços vagos,
Azas espirituaes, vôos de mysterio!
Bruma de tristes lagrimas, que o sol
Põe deante dos olhos abrazados,
Para entrever a sua escura origem
De crepusculo e sombra.

O' desmaiados

Sonhos dispersos, vibrações animicas; Ondulações de nevoa e de penumbra; Rumores de luar, confusas vozes, Remota claridade que se alumbra... Érmas visões, phantasmas solitarios; Espectros de arvoredos e de estrellas, De horizontes, e mares, e Calvarios, De pedras mortas, e creaturas mortas! O' fumos espectraes que a Natureza, Como um incendio, exhala no Infinito, Trespassaes o meu corpo de tristeza, De perturbante enigma, e de mysterio!

E sinto-me asogar n'um mar de nevoa... E sico assim, a olhar... a olhar, no Além... Atravez d'este sol que nos dá luz, A Penumbra ancestral, a Noite mãe!

Aos meus olhos baixou a Noite antiga; Nos séres e nas cousas se infiltrou, Diluindo a Cór, desmoronando as Fórmas; E tudo em si fundiu, tudo apagou... Assim no outomno pallido e cinzento, Alta maré que cresce sobre a praia, Apaga as ondas rythmicas que o vento Molda na areia humilde como as lagrimas...

E o mundo tôsco e bruto se traduz Em crepusculo, em nevoa, aéreo fumo... E o Tempo é noite; o Espaço é noite; a Luz E' noite; o Som é noite...

O' sombra immensa

Feita de soes, de mundos, de alvoradas! De avesinhas cantando, agoa dos mares! De rosas de perfumes embriagadas, E fontes, ao luar, cheias de Graça! Mas cada fórma tremula e illusoria, Que se apaga, converte-se em espirito: Luz eterna succede á luz corpórea, Tal como á noite humana a luz de Deus!

E essa Noite infinita e monstruosa, (Noite que a claridade nos revela) Onde todos os corpos se apagaram, De espiritos eternos se constella...

O' Noite creadora, O' Noite santa! O' mãe de Satanaz e de Jesus! Que um sópro, um beijo, um halo de ternura, Voz de espirito e amor chamou á Luz!

#### Silencio feito Voz!

O alvôr do dia E' funda escuridão que se commove! A luz, a luz, é o extase, a alegria, Um encanto da noite!

A propria flor E' terra que uma lagrima beijou! E' pedra que, ao sentir a luz da Graça, Se enterneceu, e extatica ficou, Com os olhos na luz que vem de Deus!

E uma nuvem, que é? Onda do mar Que o sol, doido de luz, contra seu peito Abraçou, e beijou... E ei-la a voar N'um desgosto de lagrimas e bruma... E em suas ascenções esplendorosas, Nosso espirito é a nossa propria carne Que vibra, e sobe, em ondas mysteriosas De mystica harmonia e sonho eterno!

Os corpos irradiam sentimento, Como as estrellas luz; como a açucena Seu virginal perfume nevoento, Oue é um halito de Santa ou Primavera!

O sentimento é corpo como a pedra; Creatura que sonha e que deseja! E' côr divina que o Poeta vê, E fórma viva que elle toca e beija!

O que é perto de nós, o que se apalpa E parece real e verdadeiro, Eis o que é sonho vão e imaginario, Chimerico e phantastico nevoeiro... Eis o que é illusão e o que é mentira; Nevoa, fumo irreal do anoitecer... Phantasma que os Sentidos, como cégos, Tacteando na sombra, julgam vér!

O' Noite anterior a toda a luz! Manto de escuridão a desdobrar-se Em estrellas, em mundos e Universos; Em nevoeiros de vidas a espalhar-se... És a sombra genesica e fecunda Oue Deus faz no Infinito.

O' sol ardente, Monstro de luz, abysmo de alvoradas! Gloria do Dia e quéda do Poentel Syrius, Neptuno e Marte e Nubelosas. Roma, Jerusalem! Platão e Nero! Abril, perfumes, lyrios, claras fontes, E cantos de pastor, versos de Homero! O' sermão da Montanha! Ermos Prophetas, Pythonica, em delirio, a adivinhar! Sybilas, Adivinhos, Fausto e Goethe, Pincaros do Hymalaia, ondas do mar! Verdes campos, estereis areaes, Pyramides e Templos, ermas praias; Gritos de Prometheu, saudosos ais Da Virgem Dolorosa! Alto Calvario. O' Parnaso entre nevoas aureolado! - Não sois mais do que um fumo transitorio, Invisivel crepusculo tombado Da sombra eterna e universal de Deus!

A Creação é sombra, é nevoeiro Que dimana de Deus, e enche o Infinito... E onde elle está presente e verdadeiro, Tal como nosso corpo em nossa sombra.

Deus soffre no Universo; e n'elle está Pregado e ensanguentado; e os astros são Os cravos que o sustentam sobre a Cruz, E seu Corpo divino é escuridão! E seu Sangue divino é luz de estrella Que de suas feridas, sempre abertas, Escorre, e se derrama, e se congela Em arvoredo, em ave e lyrio triste!

E Deus suspira e chora, ao contemplar A sombra mortuaria que projecta, E onde elle é pedra bruta, onda do mar, Cratéra e tigre, e pomba e precipiciol.

Sombra que o trouxe ao peito com amor, E em seu ventre gerou.

Toda a creatura
Procede d'uma sombra anterior,
E todo o corpo é a encarnação d'um Verbo!
Quantas vezes, nas horas emotivas,
Nós vemos vaguear fumos errantes,
Neblinas, penumbras e crepusculos;
Verbos por encarnar, sombras distantes,
Em busca de expressão e clara fórma,
Procurando anciosas, a tremer,
Um corpo que as projecte no Infinito,
E onde possam chorar, cantar, viver!
O' Phantasmas, ó Sombras indecisas,
O' corpos nebulosos, desejando
Achar as fórmas nitidas, precisas
Que encontraram as pedras e os metaes!

#### E assim o mundo, ó Deus, é tua sombra!

Tudo o que vive, tudo quanto existe E' a tua estranha dór e imperfeição: Tua parte mortal, nocturna e triste, E fragil, dolorosa e transitoria! E onde estás mais presente e verdadeiro, E mais vivo, talvez, que em tua gloria, Em teu deslumbramento e alvôr divino!

#### A sombra do Homem

Quando n'um somno aéreo tudo dorme, E a treva lembra luz adormecida; E o silencio chimerico e disforme, E' só uma canção interrompida;

Quando um pinheiro, além, na indecisão Da noite que o perturba e lhe faz mal, Se vê perdido em vaga confusão, Tornar-se um êrmo e vago pinheiral;

Quando na sombra espessa, ó minha fonte, Deslisa, como agoa, a tua voz, De som molhando o rosto do horizonte Que scisma e chora, ás vezes, como nós... Quando em paz tudo dormo, en sonho e cismo Remorso? Exaltação? Delirio a arder? E ouço vozes que veem d'um fundo abysmo Que eu vejo aberto no meu proprio sera.

E tu, o chuva? o yento? ou serei eu?

An, como distinguir a minha fam,
Das vozes que andam, tristes, pelo ceol.

Já de tanto sentir a Natureza, De tanto a amar, com ella me confutto!

E agora, quem sou eu? N'esta incerteza,

Chamo por mim. Quem me responde? O mundo.

Chamo por mim; e a estrella me responde. Chamo de novo; e diz-me o mar: quem chama? diz-me a flor: onde é que estas? aonde? Vêde a sorte terrivel de quem ama!

Quem é sómente amor desapparece; Para ser tudo, deixa de existir. Por isso, emquanto o Amor nos entristece, Tudo, em volta de nós, está a sorrir...

Qual é a tua alegria, ó Creação? A dôr da Creatura. E sendo assim, A alegria do nosso coração E' a dôr universal, a dôr sem fim! Viver, é receber a vida alheia; Morrer, é dar a nossa propria vida: E para que de luz minha candeia, Quanta gotta de azeite consumida!

E Deus se exalta, e vivifica em nós;

E na Creatura existe o Creador.

O silencio divino é a minha voz,

E a alegria divina é a minha dorl.

Como a limpida luz que anda nos céos Define o nosso elhar, mas dilatando-o; Cada nova Creatura amplía Deus, E Deus define o Homem, sublimando-o!

.Q' Deus, tu és em mim fragilidade; Sombra que, por encanto, surge e passa... E em ti, sou enfinito, Eternidade, Extase, Beatitude, Enlevo e Graça!

A voz soffre n'uns labios prisioneira; E os labios vêm-se livres na alvorada Da voz humana! E a Natureza inteira Em Deus se alegra, e exalta sublimada!

Orar, é a gente vêr a Deus em si, E vêr-se a gente em Deus. N'essa visão, Creaturas, os olhos consumí; A esse fogo deitae o coração! Peis cada cousa humilde ou creatura, E' a lenha que conserva sempre accesa A fogueira de Deus, na noite escura, E gélida, e-sem den da Natureza!

#### A ultima sombra

Esta sombra infinita em que me afundo, E a que tentei dar fórma, vida e cor, E' o principio da terra e o fim do mundo; A projecção espiritual das coisas...

Sombra do nosso corpo e nosso espirito! Sombra que se arraiza nas Origens, E vae subindo em haste; e já floresce Em altos céos animicos e virgens...

Sombra que se projecta no Passado; E é gelida penumbra! E ao mesmo tempo, Alonga-se em espirito sagrado, Em consciencia limpida e amorosa.

O' sombra de dois corpos! Um é noite, Ou antes luz esparsa e diluida... O outro é noite dispersa, ou clara luz Concentrada e abrazada em dôr e vida.

٠.

O' grande flor de treva, recortada Em petalas de luz! Assim a Noite E' um calice que se abre em luz doirada, Em perfume bemdito que allumia...

Um dia, a sombra lugubre da Terra (Flor que Deus semeou) ha de murchar, E ser fructo que a fome de Infinito, Negra fome de Deus ha de matar!

Antes da massa cósmica attingir A sua ultima phase espiritual, Deus era Verbo apenas; sombra escura, Erma, inerte penumbra universal...

Mas, quando em nós, a terra solitaria Emfim, se fez espirito divino, — Deus, essa antiga Sombra originaria, Encarnou, tomou fórma e corpo e vida.

Sim: o Verbo de Deus é que é Materia; E a encarnação de Deus é que é Espirito! E nosso Amor e Dôr, nossa Miseria, Creadores de Deus, n'elle se fundem.

E quando a terra, emfim, já redimida, Depois de tanta dôr e soffrimento, Inclinar sua fonte adormecida,
E o espirito render nas mãos do Pae,
— Tambem o Sêr humano, já liberto
Da morte, da miseria e negra dôr,
Ha de viver em Beatitude e Graça,
Em Espirito eterno e eterno Amor!

Meu santo Reino Espiritual, eu vejo-te, Como atravez d'um sonho, quando a Luz De profunda Visão, aquece e doira Meu corpo, arvore verde e negra cruz! Vejo-te intimamente, como as arvores Avistam em sua alma os passarinhos... E assim os olhos gélidos dos marmores Têm a visão confusa das florestas... E como a terra vê, quando tocada Pela graça da nevoa que se eleva, O grão que sobe, em haste, para o Sol, E desce, em raiz faminta, para a Treva!

O' sagrado momento religioso, Em que a Materia escrava e miseravel, Voando em claro espirito amoroso, Se vé liberta e viva e sempiterna!

O' momento em que a carne soffredora, Barro feito de dôres e amarguras, Em piedade, ternura e pensamento, Ergue seu vôo a mysticas alturas! E sublimada em alma, para sempre, (Sonho de eternidade imperturbavel) Ha de viver na santa paz divina, N'um santo e dôce enlevo interminavel..

O' instante sagrado em que perpassa, Lá na distancia espiritual dos céos E mais do nosso olhar, só uma sombra, Apenas um crepusculo de Deus! Sombra que me beijou! Beijo de amor! Beijo de terra e céo! O' beijo cósmico! Perturbação genesica! Rumor De ôvo que parte, e se abre em aza etherea!

Rumor de nevoeiro, condensando-se Em orvalho que as arvores constella... Rumor de nebulosa, esparsa e vaga, Que se concentra e abraza em clara estrella!

Rumor das cégas, intimas sementes Que se fincam nos caules, levantando-se... E em seus braços, os ventos conscientes Moldam gestos de benção sobre a Terra...

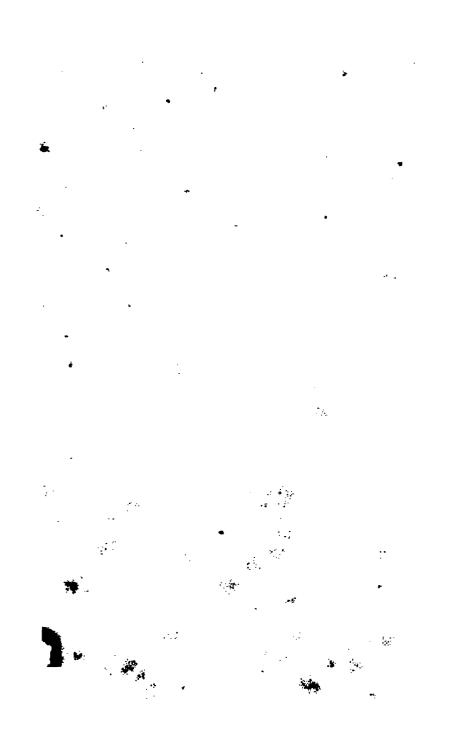
Rumor do Verbo afflicto e angustioso, Que começa a sentir-se Pêso e Fórma, E sangue vivo e corpo doloroso, Agrilhoado á Dôr que ha de remí-lo! Fundo rumor de nuvem trovejante Que, á tarde, se abre, e deita sobre o mundo, Grande torrente de oiro deslumbrante: Gloria de Deus surgindo no Crepusculo!

Rumor do alvorescer de intima estrella! Rumor do sol genesico de Abril; Rumor da luz dos olhos da donzella, E do entreabrir dos gómos e das flóres... E do gretar da terra trespassada Pelas hastes que sobem anciosas, Sedentas de ar, famintas de alvorada, Na antevisão da Flór e do Perfume!

Alto rumor astral do azul dos céos Que sustenta pendentes dos seus úberes Os soes!

Rumor da sombra ideal de Deus; Perturbação divina!

Alto rumor
Que me beijaste em pleno coração,
Que, em pobre verso humilde e commovido,
Em troca, te quiz dar sua emoção,
A sua propria vida e proprio corpo...



# INDICE

De As minhas sombras	5
A uma arvore e a minha irmã	7
Vento do Espirito	13
A sombra do Passado	17
A sombra do Tamega	49
A quéda	53
A sombra do Vento	55
Canção d'uma Sombra	65
A minha sombra	67
A sombra da Vida	73
Meu coração é tudo	83,
A sombra do Luar	87
Os meus olhos e uma pedra	103
Uma arvore e o sol	104
Uma gotta de chuva	105
Os olhos dos animaes	106
Uma ave e o poeta	107
Boudha	III
Marco Aurelio	I I 2
Frei João Bernardes	113
S. Francisco de Assis	114
De noite	115

